



REVISTA
PUCRS

Nº 188
OUTUBRO/DEZEMBRO 2018

Edição Especial

70 anos
da Universidade

O legado para a educação e os desafios do futuro

PÓS

PUCRS360°
SEJA A TRANSFORMAÇÃO



ESCOLHA O SEU CAMINHO:

() PÓS-GRADUAÇÃO PRESENCIAL

Cursos de Especialização e MBA
em todas as áreas do conhecimento.

Inscrições a partir de 07 de novembro.

() PÓS PUCRS ONLINE

Profissionais e professores renomados
em uma plataforma intuitiva e completa.

Inscrições abertas.

Confira os valores diferenciados para diplomados (PUCRS Alumni)
e empresas conveniadas. Saiba mais em: pucrs.br/pos

FIÉIS À MISSÃO

O que nos move há 70 anos? Que transformações protagonizamos nesse período e quais vislumbramos gerar no presente e futuro? Esta edição especial relembra a nossa história, celebra nosso legado e reforça o compromisso de continuarmos fieis à missão iniciada pelo Ir. Afonso, fundador da PUCRS, bem como mantermos a Universidade sensível àquilo que a sociedade espera em termos de respostas às grandes questões contemporâneas. Também não se trata apenas de promover a formação de profissionais competentes, mas de ser a promotora de autêntica excelência humana sempre mais efetiva por meio do respeito à vida e a tudo que é humano. Como instituição voltada para a inovação e o desenvolvimento, somos um vetor de interconexão para alianças estratégicas que promovam o desenvolvimento local e global. Tudo isso acontece em nosso dia a dia sem que por vezes percebamos. Aqui está a Revista PUCRS para ao longo de suas páginas evidenciar aquilo que fazemos para educar e transformar. Por exemplo, os 15 anos do Tecnopuc e os desafios de inovação para a próxima década, as iniciativas culturais, os projetos de pesquisa e estudos inéditos, a atuação destacada de nossos acadêmicos de graduação e de pós-graduação. Boa leitura!


Reitor da PUCRS



Quer receber a Revista PUCRS?

Se você deseja receber as edições impressas da Revista PUCRS na sua casa, entre em contato pelo e-mail revista@pucrs.br, ou ligue para (51) 3320-3503 e solicite sua assinatura gratuita. Todo o conteúdo também está disponível no site www.pucrs.br/revista.

Desejo saber como receber a *Revista PUCRS*. Aprecio muito os artigos importantes sobre as pesquisas da Universidade.

Delci Zanini Durgante
Porto Alegre

Gostaria de assinar a *Revista PUCRS*. Sou alumni e gosto muito do conteúdo da publicação.

Fabiana Gomes / Porto Alegre

Tenho interesse em receber a versão impressa da *Revista PUCRS*. É possível enviar para outros estados?

Guilherme Mota Funari
Recife / Pernambuco

Como ex-aluna e agora com meu filho estudante da Universidade teria imensa satisfação em receber os exemplares da *Revista PUCRS*. É uma publicação de excelente qualidade!

Maria Cristina Lupi Maia
Porto Alegre

Nossa filha é estudante de Odontologia na PUCRS e, como não vamos seguidamente a Porto Alegre, gostaríamos de receber a *Revista PUCRS* em nossa residência.

Paulo Medeiros /São Gabriel

Tenho total interesse em receber as futuras edições da *Revista PUCRS*. É possível?

Cristiano Batista / Porto Alegre

Poderia receber a *Revista PUCRS*? Sou ex-funcionária da Biblioteca Central da Universidade e achei linda a capa da última edição sobre a Rua da Cultura. Gostaria de continuar acompanhando as melhorias da Instituição.

Anelise Tolotti Dias Nardino
Porto Alegre



REITOR

Ir. Evilázio Teixeira

VICE-REITOR

Jaderson Costa da Costa

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO
E EDUCAÇÃO CONTINUADA

Ir. Manuir Mentges

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Alam de Oliveira Casartelli

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO
E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS

Ir. Marcelo Bonhemberger

PRÓ-REITORA DE PESQUISA,
INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Carla Denise Bonan

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

Lidiane Amorim

EDITORA EXECUTIVA

Magda Achutti

REPÓRTERES

Ana Paula Acauan

Eduardo Borba

Eduardo Wolff

Greice Beckenkamp

Mariana Hauptenthal

Vanessa Mello

FOTÓGRAFOS

Bruno Todeschini

Camila Cunha

REVISÃO

Patrícia Aragão

ARQUIVO FOTOGRÁFICO

Camila Paes Keppler

Márcia Sartori

CIRCULAÇÃO

Ligiane Dias Pinto

CONSELHO EDITORIAL

Adriana Kampff

Christian Kristensen

Isabel Degrazia

Renata Bernardon

Ricardo Barberena

IMPRESSÃO

Epecê-Gráfica

DESIGN GRÁFICO

Design de Maria

REVISTA PUCRS - Nº 188

ANO XLI - OUTUBRO/DEZEMBRO 2018

Editada pela Assessoria de Comunicação
e Marketing da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul

Avenida Ipiranga, 6681 Prédio 1 - 2º andar
Sala 202 - CEP 90619-900 - Porto Alegre - RS
Fone: (51) 3320-3503

revista@pucrs.br - www.pucrs.br/revista

A PUCRS é uma Instituição filiada à ABRUC



FOTO: BRUNO TODESCHINI



6

Capa

3 | Com o leitor

4 | Nesta Edição

6 | Capa

Vigor aos 70 anos

Ao completar sete décadas, PUCRS se renova para o futuro

14 | Novidades Acadêmicas

Múltiplos espaços, amplas possibilidades de aprender

Prédio 15 terá salas de aula abertas a novas metodologias de ensino e ambientes para descanso e estudo

18 | Pesquisa

Direito à verdade e à memória

Corte Interamericana condena Brasil no caso Herzog, e grupo da PUCRS é citado na sentença

22 | Ciência

Antioxidante chegará ao mercado Pet

Empresa licencia patente com resveratrol e óleo de arroz

24 | Sustentabilidade

PUCRS prepara atlas hídrico do RS

Estudo avalia qualidade da água e pensa alternativas para a seca

28 | Saúde

Impacto da depressão na epilepsia

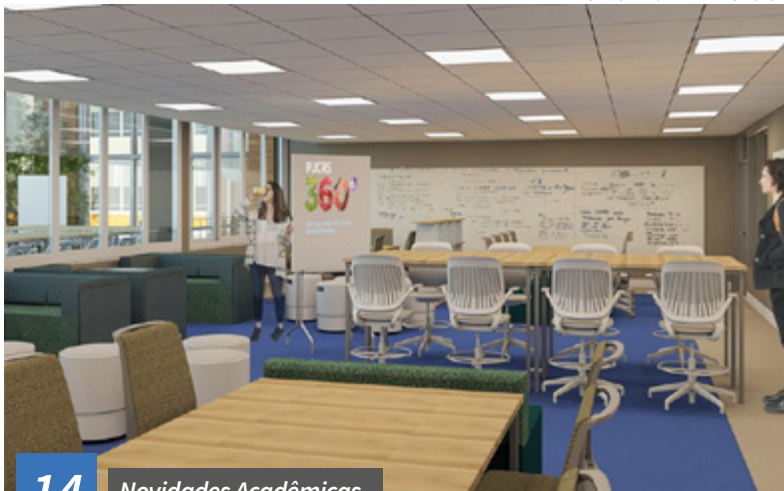
Pesquisa mostra piora do quadro quando as duas doenças estão associadas

30 | Tendência

Are you ready for a globalized job market?

PUCRS oferece disciplinas totalmente em inglês

IMAGEM: GERÊNCIA DE INFRAESTRUTURA



14

Novidades Acadêmicas

34 | Pelo Mundo**Próxima parada: América Latina**

Destaque pela riqueza cultural e possibilidade de aprimorar um segundo idioma

38 | Tecnologia**Eficiência energética comprovada**

Labelo verifica a qualidade de equipamentos certificados com Selo Procel

40 | Inovação**Um pacto para Porto Alegre**

Pacto para a Inovação será o primeiro projeto da Aliança para Inovação da Capital

42 | Pelo Rio Grande**Nimba, a deusa da fertilidade**

Estátua de arte secular produzida por afrodescendentes no RS é a primeira encontrada no Brasil

44 | Entrevista**Sem a pressão da produção científica**

Miguel Zabalza estuda e reflete sobre os desafios da docência e da pesquisa

48 | Sou PUCRS**De trainee a contratada da Microsoft**

Aluna de Ciência da Computação, Barbara Kudjess tem emprego garantido depois da formatura

50 | Ação Social**Acesso à cidadania**

Aplicativo voltado a mulheres quilombolas divulga políticas sociais e direitos

54 | Ação Social**Mais próximos dos futuros pais de coração**

Alunos criam aplicativo de adoção em parceria com a Justiça e o Ministério Público

58 | Perfil**Mais de 70 anos de caminhada marista**

Irmão Jacob Kuhn foi um dos mentores do Museu de Ciência e Tecnologia

60 | Alumni**PhD na PUCRS e na Universidade Groningen**

Na Holanda, Paula Feltes conquista primeira dupla titulação do Pós em Gerontologia Biomédica

62 | Cultura**“Sem cultura, a educação não se fixa”**

Fernanda Montenegro é Mérito Cultural

66 | Opinião**A work in progress de 70 anos**

Artigo de Luiz Antonio de Assis Brasil, coordenador-geral do Delfos

68 | Escrita Criativa**Contos e poesias de alunos**

Espaço experimental para divulgação da produção em aula

70 | Jornalismo Lab**Direitos humanos declarados**

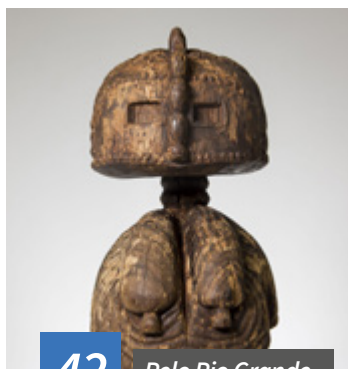
Declaração Universal dos Direitos Humanos completa 70 anos

72 | Ensaio**A História em imagens****74 | Universidade Aberta****Ensinando o soccer para gurus e gurias**

Orlando City e Parque Esportivo formam tabelinha para aliar estudos e futebol

76 | Radar**38****Tecnologia**

FOTO: MATHEU JOSÉ MARIA/DIVULGAÇÃO

**42****Pelo Rio Grande****62****Cultura****50****Ação Social****74****Universidade aberta**

VIGOR AOS 70 ANOS

*Ao completar sete décadas,
PUCRS se renova para o futuro*

POR MAGDA ACHUTTI

Final da série sobre os 70 anos da Universidade



Na história, 1978 foi marcado pela posse de João Paulo II como o terceiro papa em três meses e pelo milagre na medicina: o nascimento do primeiro bebê de proveta no mundo. A Argentina levantava a taça de campeã mundial de futebol e as pistas das discotecas ferviam, inspiradas em John Travolta. Naquele ano, a PUCRS dava um passo importante para alcançar a excelência que tem nos dias atuais. Sob a mão firme de seu novo reitor, Ir. Norberto Rauch, a Universidade começou a traçar o caminho seguro para realizar grandes projetos de futuro, hoje presentes.

Com incrível capacidade empreendedora, Rauch levou a cabo obras grandiosas das quais os gaúchos se orgulham: o Tecnopuc, referência como Parque Tecnológico; o Museu de Ciências e Tecnologia, destaque por seus experimentos interativos em várias áreas do conhecimento; o Parque Esportivo, por sua capacidade de agregar inúmeras modalidades esportivas; a nova Biblioteca Central, uma das mais completas da América Latina, além de outros espaços destinados ao desenvolvimento do saber.

MIL PARA 2000

Nos seus 26 anos de reitorado (1978-2004), a PUCRS deu um salto qualitativo. O foco no quadro docente, de pesquisadores e técnicos administrativos foi outro fator decisivo. Depois de enfrentar um desequilíbrio financeiro no período do regime militar, foi possível corrigir a defasagem no salário dos colaboradores, proporcionar benefícios e avançar para uma profunda transformação.

Um programa de titulação e qualificação docente teve início na década de 1980. O movimento tomou grandes pro-

porções e, em 1991, foi lançado o desafio Mil para Dois Mil. A meta era chegar ao ano 2000 com mil professores titulados mestres e/ou doutores. No livro *Trajetória de um período: 1978-2004*, Rauch comenta sobre o sucesso do plano. “A resposta do corpo docente foi ótima. Ultrapassamos a meta estabelecida antes do prazo estipulado.”

MUNDO CONTEMPORÂNEO

Ao avistar o século 21, o esforço coletivo dos responsáveis pela formação dos que escolhem estudar na PUCRS passou a centrar-se também no compromisso por formar pessoas e não apenas profissionais. Pessoas capazes de respeitar princípios e valores imprescindíveis à construção de uma sociedade justa e fraterna, marca do fundador do Instituto Marista, São Marcelino Champagnat.

Em 2004, frente aos grandes desafios do novo milênio e com a missão de manter os fundamentos da instituição educativa, Ir. Joaquim Clotet assumiu como reitor (2004-2016) e começou a revisar prioridades, ajustadas ao mundo contemporâneo. Quatro linhas nortearam sua gestão: qualidade; empreendedorismo; integração ensino, pesquisa, extensão; e relacionamento com a sociedade.

Ao completar 70 anos, o reitor Ir. Evilázio Teixeira conduz uma PUCRS robusta, legado dos reitores que o antecederam e onde reside uma centelha do sonho dos fundadores. Em 2017, ele lançou o movimento PUCRS 360° – Universidade em transformação, que busca mais autonomia para os estudantes durante sua trajetória universitária, novos eixos formativos para uma experiência acadêmica diferenciada e mais espaços de convivência e estudo no Campus, como a Rua da Cultura.

PUCRS em números

- **Cursos de graduação: 55**, com opções de linhas de formação que ampliam as possibilidades de escolha dos estudantes
- **Cursos de especialização: 88** em andamento
- **Mestrado: 24**
- **Doutorado: 22**
- **Estudantes (graduação e pós-graduação) em 2018/1: 27.349**
- **Diplomados até 2017/2 na graduação: 166.807**

FONTES: PROGRAD, PROPEAQ E EDUCON

Museu, interação com a ciência há 20 anos

Inaugurado em 1998, nas comemorações do cinquentenário da Universidade, o Museu de Ciências e Tecnologia (MCT) caiu no gosto de crianças e adultos. Criado para despertar a curiosidade e o apreço pelas ciências, os equipamentos do acervo permanente e suas exposições proporcionam experiências lúdicas e interativas em 700 experimentos, desempenhando papel fundamental na popularização do conhecimento.

Premiado pelo TripAdvisor com o Travellers' Choice, é considerado o 10º melhor museu do Brasil e o 16º melhor da América do Sul. Também ocupa a segunda posição entre os melhores do País, segundo a revista *Viagem e Turismo*, em ranking de



Exposição recebe 200 mil visitantes por ano

2017. Por ano, percorrem sua área de exposição de 9 mil metros quadrados, cerca de 200 mil visitantes.

No subsolo do MCT, existe um museu à parte pouco conhecido. Fósseis, espécimes da fauna e da flora (atuais e extintos), artefatos e obje-

tos de valor histórico e científico são divididos apenas por pesquisadores e funcionários. O acervo, que soma mais de 3,5 milhões de peças, auxilia a pesquisa desde a iniciação científica e pós-graduação até a atuação de especialistas brasileiros e do exterior.

Biblioteca, 40 anos de informação

Com um acervo superior a 1,5 milhão de obras, entre físicas e eletrônicas – livros, periódicos, teses, dissertações e materiais digitais, apoiados por serviços e recursos multimídia, a Biblioteca Central Ir. José Otão completa 40 anos como um moderníssimo centro de acesso à informação (impresa e eletrônica, de qualquer dispositivo, em qualquer lugar).

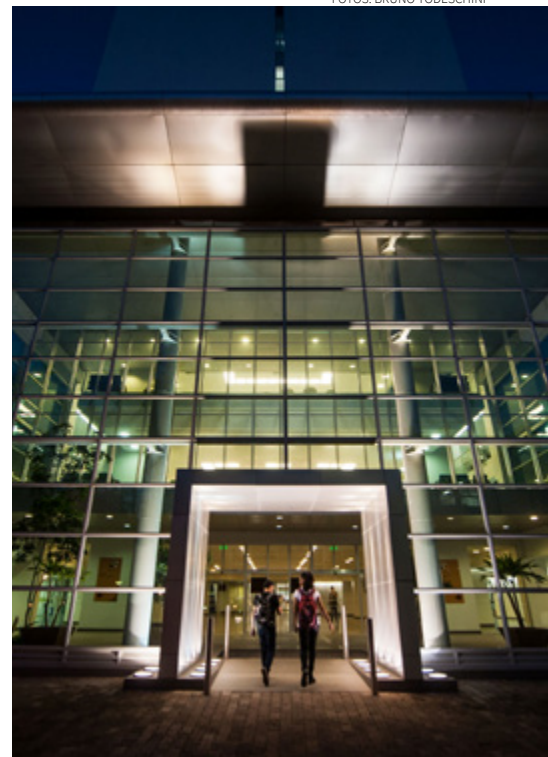
Em um imponente prédio de 21 mil metros quadrados, distribuídos em 14 andares, no coração do Campus, toda a sua organização está baseada na maior autonomia e acesso facilitado dos usuários aos conteúdos. O acervo está dividido em quatro

grandes áreas do conhecimento: Humanas, Sociais Aplicadas, Ciência e Tecnologia e Linguagens e Artes.

Ambientes climatizados atendem ao usuário com espaços de leitura e luz natural, sala de estudo externa, em grupo e individuais, salas de vídeo e computadores para estudos, incluindo modelo all-in-one touch-screen, scanners e sala de atendimento a deficientes visuais.

A Biblioteca é aberta à comunidade. Quem não integra a PUCRS pode usar a estrutura e fazer consultas. Mas a retirada de livros e alguns serviços é restrita a alunos, professores, pesquisadores e funcionários.

FOTOS: BRUNO TODESCHINI



Prédio fica no coração do Campus

Tecnopuc, 15 anos de inovação

O Parque Científico e Tecnológico (Tecnopuc) completa 15 anos e lança uma meta audaciosa: atrair e gerar mil novas startups em dez anos. Prevista no plano estratégico da área de Inovação e Desenvolvimento, reflete uma tendência dos principais ecossistemas de inovação do mundo, que direcionam seus esforços para a geração de startups de alto desempenho e impacto social.

O Parque abriga mais de 150 organizações, entre gigantes globais, empresas nacionais, institutos e centros de pesquisa, além de diversos mecanismos de geração de empreendimentos, com mais de 200 startups graduadas ao longo desse período. A mais nova integrante é a multinacional norte-americana Oracle, que começou a operar em outubro.

Em seus espaços, o Tecnopuc conta com mais de 6,5 mil pessoas trabalhando, em uma estrutura construída para gerar sinergia entre as empresas e a Universidade. Além disso, possui convênios de colaboração e interação com mais de 150 países. Desde a sua fundação, em 2003, quadruplicou sua área construída, passando dos iniciais 20 mil metros quadrados para mais de 90 mil.

Outro marco desses 15 anos é o novo modelo de governança da área e de gestão do Tecnopuc. A PUCRS conta com uma Superintendência de Inovação e Desenvolvimento, responsável por todo o ecossistema de inovação. Já o Parque agrupa as áreas

de gestão do ambiente físico, geração de startups, criatividade, ações de impacto social, gestão de projetos e prospecção e negociação. “O Tecnopuc é uma das mais importantes ações de aproximação com a socie-

dade, propiciando aos nossos alunos, da graduação e da pós-graduação, oportunidades únicas de contribuição para o desenvolvimento econômico e social de nossa região”, observa o reitor, Ir. Evilázio Teixeira.

FOTO: BRUNO TODESCHIN



Parque abriga 150 empresas e 6,5 mil pessoas

Visão de futuro

Desde a sua inauguração, o Tecnopuc é uma das referências latino-americanas em ecossistemas de inovação, sendo o Parque Científico e Tecnológico mais premiado e reconhecido do País. “Ao longo desses 15 anos, a visão de futuro do Ir. Norberto Rauch concretizou-se”, constata o superintendente de inovação e desenvolvimento, Jorge Audy.

Na gestão do Ir. Joaquim Clotet, a trajetória de realizações avançou, traçando as bases de uma grande Universidade de pesquisa, em que a inovação e a transformação do conhecimento geram desenvolvimento social e econômico. Agora, sob a liderança do Ir. Evilázio Teixeira, o Tecnopuc se prepara para vencer os novos desafios e aproveitar as oportunidades que irão se apresentar.

Parque Esportivo, 15 anos a serviço do bem-estar

O Parque Esportivo chega aos 15 anos com uma excelente estrutura que atende tanto a Universidade quanto a comunidade da Capital, com foco na saúde, no bem-estar e na qualidade de vida. Destinado à prática de diversas modalidades, os serviços da Academia de Ginástica e da Escola de Natação são oferecidos em várias opções e para diferentes faixas etárias. Locações esportivas estão disponíveis para quadras poliesportivas, de tênis, de areia, campos e quadras de futebol, piscina térmica olímpica, entre outros.

O complexo do Estádio Universitário, com um campo de futebol de dimensões oficiais e grama natural, pista de atletismo, arquibancadas



FOTO: BRUNO TODESCHINI

Ampla estrutura conta também com um estádio

e áreas de apoio, também está à disposição para locações e eventos. O Parque dispõe, ainda, de uma pista de caminhada, playground e

áreas de lazer e contemplação junto à natureza, distribuídos ao longo da área externa ao prédio poliesportivo, de 22 mil metros quadrados.

Revista PUCRS, 40 anos de histórias

Em quatro décadas, a *Revista PUCRS* mudou tanto quanto a Universidade, passando de boletim a jornal até chegar ao seu formato atual. Na essência, mantém características

básicas que nasceram com ela. Continua dinâmica e influente. O reconhecimento vem pelo expressivo retorno de seus leitores e a conquista de prêmios de destaque em comunicação.

Com a missão de registrar a trajetória da Instituição, foram publicadas em suas páginas – e desde 2000 também em seu site www.pucrs.br/revista –, grandes momentos. Alguns revestidos de solenidade, outros de conquistas científicas, acadêmicas e inúmeros de iniciativas sociais, ambientais e inovadoras.

A *Revista PUCRS* acompanhou cada um deles, descrevendo os fatos e, mais recentemente, interpretando-os. Sua linha editorial se caracteriza por traduzir a linguagem acadêmica para a jornalística, o que proporciona a qualquer pessoa ter acesso ao saber produzido na Universidade.



Formatos da publicação ao longo dos anos

TRANSFORMAÇÃO PELA PESQUISA

Aos 70 anos e com os novos desafios do futuro, um dos caminhos é se tornar um ambiente internacional

POR VANESSA MELLO

Ao longo dos últimos 20 anos, a PUCRS fortaleceu sua pesquisa e elevou muitos de seus Programas de Pós-Graduação ao nível internacional. Valorizou a produção de conhecimento e compreendeu que seu papel vai além de formação de profissionais, mas também a transformação da sociedade, por meio do seu posicionamento estratégico de inovação e desenvolvimento.

Dentre os fatores que conferem o alto patamar da pesquisa, o programa de mil mestres e doutores para o ano 2000 permitiu a qualificação dos docentes, uma pesquisa mais robusta e parcerias nacionais e internacionais. Ainda, uma estrutura com institutos, centros, núcleos, laboratórios, equipamentos e pessoas altamente qualificadas dão suporte aos pesquisadores.

“Somos uma Universidade com protagonismo de pesquisa e pós-graduação no País, temos um Campus da Saúde voltado ao atendimento da comunidade e o ambiente de inovação e desenvolvimento do Tecnopuc. Tudo isso fez com que tivéssemos um posicionamento de transformação”, destaca a Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação, Carla Bonan.

Alto patamar

- **Programas de Pós-Graduação:** 24, sendo 11 com notas 6 e 7 na Capes, o que demonstra expressão internacional
- **Projetos de pesquisa em andamento:** 1.700, sendo cerca de 180 com parcerias internacionais
- **Convênios internacionais:** 233
- **Pesquisadores:** cerca de 350
- **Bolsistas de produtividade:** 123 bolsistas CNPq, indicador de excelência na pesquisa
- **Alunos:** cerca de 2 mil
- **Iniciação científica:** 611 bolsas para inserção da graduação na pesquisa
- **Grupos de pesquisa:** 354 grupos ativos, o que coloca a PUCRS na primeira posição do Brasil entre privadas e comunitárias, segundo senso de 2016
- **Institutos de pesquisa:** 4 (IMA, IPR, IGG e InsCer)
- **Centros de pesquisa:** 17
- **Núcleos de pesquisa:** cerca de 60
- **Laboratórios:** 120

Desafios para o futuro

A trajetória da pesquisa na PUCRS continua, com desafios de um mundo cada vez mais globalizado. A proposta é se tornar um ambiente internacional, consolidando as parcerias no exterior, recebendo mais pesquisadores de outros países e um número crescente de alunos estrangeiros.

A conexão com o ecossistema de inovação, de forma a preparar o aluno para um mercado que requer habilidades de relacionamento, liderança e empreendedorismo é outro desafio. Esses dois movimentos geraram o Plano de Internacionalização, que norteará as ações da Universidade em todas as áreas nos próximos quatro anos, e a Política de Inovação, que abre uma série de possibilidades para a cultura empreendedora e a geração de empreendimentos no ambiente acadêmico.



Meta: aumentar o número de estudantes estrangeiros

Novo fôlego com Capes/Print

A PUCRS tem reconhecimento nacional e internacional pela qualidade do ensino ofertado e relevância científica, tecnológica e social das pesquisas desenvolvidas pela sua comunidade acadêmica, figurando entre as melhores instituições da América Latina em rankings internacionais. Possui convênios com universidades da Ásia, África, Europa e América, possibilitando a mobilidade acadêmica in e out e o estabelecimento de parcerias importantes. Em agosto de 2018, foi contemplada, junto a outras instituições, pelo Programa Institucional de Internacionalização (Capes/Print) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Os recursos permitirão investir na crescente internacionalização do currículo, tanto da graduação quanto da pós-graduação, estratégia utilizada para preparar os estudantes

a atuarem profissionalmente em um mundo internacional e multicultural.

Iniciativas importantes têm sido realizadas para a internacionalização abrangente, conceito adotado pela Universidade, através do engajamento das lideranças institucionais, dos docentes e discentes, dos pesquisadores e técnicos das unidades de apoio acadêmico. Dentre elas, o lançamento do site PUCRS Internacional, que divulga pesquisas de relevância local e global e ações de voluntariado. “Num futuro próximo, a PUCRS estará ainda mais fortalecida e adaptada às exigências globais de internacionalização, impulsionada pela conquista alcançada através do Print. Na pós-graduação, a formação de redes de pesquisa internacionais favorecerá o aperfeiçoamento da produção acadêmica para o benefício da sociedade”, afirma a assessora-chefe da Assessoria de Cooperação Internacional, Heloísa Delgado.

Um Campus para a saúde

Com aporte do Estado, a PUCRS investe no Campus da Saúde, iniciativa inovadora no Sul do Brasil voltada ao ensino, à assistência e promoção da saúde, de maneira integrada e multidisciplinar.

O Campus congrega as Escolas de Ciências da Saúde e Medicina, com outros seis empreendimentos: o Instituto do Cérebro do RS (InsCer), o Hospital São Lucas, o Parque Esportivo, o Centro de Reabilitação, o Centro Clínico e o futuro Healthcenter Care, um centro com serviços diferenciados voltados à saúde e bem-estar. Dessa forma, reúne pesquisa, ensino e assistência na promoção e na proteção da saúde da população. A Universidade valoriza ainda mais a estrutura dessas unidades por meio de reformas, ampliações e construções, na aquisição de equipamentos, na qualificação do atendimento



Estruturas unidas: interinstitucional e multidisciplinar

e em ações multidisciplinares, enriquecendo a formação dos estudantes e atuando na sociedade pela prevenção de doenças, diagnóstico, tratamento e reabilitação, mas sobretudo na promoção da saúde.

O vice-reitor Jaderson Costa da Costa destaca que o Campus da Saúde é interinstitucional e multidisciplinar, reunindo diferentes áreas do conhecimento. Como um de seus elementos, o InsCer oferece suporte a todas as Escolas, recebendo alunos de graduação, de iniciação científica e de pós-graduação para conhecer novas tecnologias. O Instituto é interdisciplinar e dialoga com diversas áreas do conhecimento, como Letras, Teologia e Filosofia por meio de grupos de pesquisa e terá ainda mais possibilidades de interação a partir da sua ampliação, iniciada em setembro.



Novo prédio, três vezes maior, ficará pronto em 2020

InsCer ampliado

O projeto original do InsCer contemplava sua construção em duas fases. Com recursos da Finep, ampliará a área dos atuais 2.549 metros quadrados para 8.549 metros quadrados e tem conclusão prevista para 2020, com aumento nos espaços de pesquisa, assistência e gestão. São novos laboratórios, equipamentos, consultórios, área para exames de ponta e para acolhimento. “Haverá uma área clínica para atender quem faz parte de protocolo de pesquisa, como pacientes em tratamento de Alzheimer ou Parkinson e acompanhantes de crianças com problemas de aprendizagem, de leitura, ou de desenvolvimento e que integram projetos como o Acerta”, revela Jaderson Costa da Costa.

Para o vice-reitor e diretor do InsCer, mais importante que os equipamentos são os cérebros. “A ampliação permitirá que mais pesquisadores desenvolvam seus estudos. Poderemos ter, simultaneamente, um número maior de projetos e ampliar o portfólio para

além das doenças neurológicas e neuro-oncológicas já estudadas”, prevê.

Outro espectro de pesquisa que se fortalece com a ampliação do espaço é a de biomarcadores, que antecipam a ocorrência de doenças e permitem o diagnóstico mais adequado. Uma área muito sensível a isso, a síntese de novos radiofármacos também ganhará destaque.

INTERNACIONAL

A internacionalização é outro aspecto que enriquece com a ampliação do InsCer, aumentando possibilidades de parcerias com instituições do exterior. Com ao menos dez convênios internacionais, interage com grandes centros de pesquisas no mundo e terá mais áreas de compartilhamento e discussões de projetos. “Essas parcerias contribuirão para grandes descobertas que vão beneficiar a população. Temos o compromisso de realizar pesquisa translacional, que culmine no atendimento a todos os pacientes, do SUS, de convênio e particular”, reforça o vice-reitor.

FOTO: HENRIQUE AMARAL





Sala de aula favorece pedagogia inovadora



Área aberta para estudo

MÚLTIPLOS ESPAÇOS, AMPLAS POSSIBILIDADES DE

Prédio 15 materializa aposta da Universidade na inovação pedagógica

Dezesseis salas de aula, sete grandes áreas de convivência/lazer e alimentação, uma arena, um auditório, centrais de informações e relacionamento e setores com serviços aos estudantes. Um complexo para experimentar novas metodologias de ensino-aprendizagem e proporcionar ambientes de lazer e descanso. O prédio 15 está se consolidando como um

modelo único em universidades. Essas mudanças fazem parte do movimento PUCRS 360°, que reúne as transformações da Universidade, do modelo de ensino aos ambientes do Campus. Estão inseridas nos eixos Campus Repensado e Aprender Diferente.

Todos os materiais e mobiliários são escolhidos com cuidado para favorecer a aplicação de opções pe-

dagógicas inovadoras. Baseadas no conceito de aprendizagem ativa, climatizadas, com sistema integrado de multimídia (projeção e sonorização), as salas de aula são flexíveis, com alta conectividade e preparadas para facilitar o engajamento. Permitem o trabalho individual e em grupos. Cadeiras com rodízios, quadros móveis e mesas rebatíveis (também chamadas de flip, podem ser fechadas para liberar o espaço) garantem variados cenários, conforme o tipo de atividade proposta.



Novo layout do Laboratório de Aprendizagem

APRENDER

IMPACTO NO APRENDIZADO

“O espaço impacta no aprendizado. Essa foi uma premissa que usamos no planejamento”, sublinha a diretora de Graduação da Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada (Prograd), Adriana Kampff. Exemplifica que nesse tipo de configuração o professor pode conectar o seu celular e projetar um material para em seguida aproveitar a contribuição de um aluno e plugar o dispositivo dele em outro

equipamento. “A tarefa do docente vai além de apresentar e sistematizar conteúdos, o professor deve mobilizar os estudantes para que investiguem a realidade e proponham soluções para os problemas que encontram.”

Mesas duplas, altas ou em formato de trapézio garantirão diferentes agrupamentos e variações de posturas. “Pensamos em layouts sem estruturas fixas, permitindo rearranjos conforme as necessidades dos grupos”, destaca a arquiteta Ana Ca-

rolina Rodrigues, parte da equipe da Gerência de Infraestrutura (Geinfra), da Pró-Reitoria de Administração e Finanças.

Um ambiente foi montado para teste em meio às obras. As equipes da Diretoria de Graduação e da Geinfra experimentaram objetos de diferentes fornecedores, tendo como critérios ergonomia, estética, conforto e durabilidade. “Essa integração garantiu soluções dos pontos de vista técnico e pedagógico”, afirma Ana Carolina.

CONFLUÊNCIA DE SABERES

A professora Rosane Palacci dos Santos, da Prograd, destaca a permeabilidade do espaço, aberto a todos os cursos e estudantes. “Dando um passeio pelo prédio, já podemos notar que ele proporciona uma visão panorâmica do Campus, a partir do qual vemos Escolas diferentes. Será um lugar de confluência de saberes. O conhecimento não é da ordem do escaninho, fechado em si mesmo”, afirma ela, que integrou o primeiro grupo que pensou o prédio 15 e seguiu no projeto.

Grande parte das salas terá 130 m². Uma delas, no 2º pavimento, conta com terraço. Outra, mais voltada para momentos de brainstorm e descompressão, é mobiliada apenas com puffes. Uma sala de espelhos permitirá a realização de grupos focais ou de discussão e testes de produtos. Num ambiente contíguo, observadores poderão acompanhar as atividades. Será possível ainda realizar videoconferências, bancas de mestrado e doutorado e reuniões de trabalho.

Os professores deverão agendar horários para realizar eventos ou aulas. Outros ambientes terão disciplinas fixas, definidas pelas Escolas. Pelo menos um representante de cada uma das oito unidades acadêmicas da PUCRS integra os Núcleos de Inovação Pedagógica. A ideia é que o prédio 15 sirva para validar esses espaços. “Os professores multiplicadores ajudarão a concretizar uma segunda etapa, quando as experiências mais bem-sucedidas transbordarão pelo Campus”, esclarece a diretora de Graduação.

Inovação Pedagógica em 360°

No projeto de Inovação Pedagógica, o Educar pela Pesquisa é o referente proposto para a evolução da prática docente na Universidade. Apoia-se na autoria como forma de aprendizagem mais ampla. Uma tese, uma dissertação, um TCC ou a implementação de um projeto, em geral, expressam o resultado de um ciclo vivenciado de construção da autoria em certo âmbito. Enfim, quando investigamos e resolvemos problemas aprendemos mais e melhor.

Fazer com que essas experiências, integradas a outras aprendizagens específicas, se disseminem por mais etapas na formação é o grande desafio. Tal mudança, na medida em que implica uma nova cultura didática, curricular e dos espaços de aprendizagem, deve atuar, ao mesmo tempo, em vários âmbitos (360°).

Para isso, duas estruturas são estratégicas. De um lado, em cada Escola, os Núcleos de Inovação Pedagógica implementam oportunidades para a prática dessas novas experiências com apoio, confiança e de forma coerente com os níveis de partida de cada um e com a evolução possível em cada contexto. De outro lado, como a organização espacial tem forte impacto na interação entre as pessoas, novas práticas requerem um espaço experimental propício, como o novo prédio 15. O objetivo é que ele seja o indutor de mudanças que, mais adiante, transbordarão para outros prédios do Campus, influenciando também em maiores oportunidades curriculares aos nossos estudantes para pesquisarem enquanto se formam e se formarem enquanto pesquisam.

João Batista Siqueira Harres

Coordenador de Ensino/Prograd

Pesquisador do PPG em Educação em Ciências e Matemática



No térreo, área integrada para alimentação, convívio e descanso

Centro de convivência e lazer

O térreo terá um amplo espaço de convívio/alimentação/lazer sem paredes, todo integrado. Os estudantes poderão descansar entre um compromisso e outro, estudar, esquentar sua comida e fazer a refeição. Uma bancada terá pias e micro-ondas. Mesas e cadeiras de diferentes tamanhos e formatos estarão à disposição. Quem quiser um lugar mais reservado poderá se sentar em sofás com cabines. Haverá vestiários com chuveiros e sanitários adaptados a pessoas com necessidades especiais. Dois elevadores também permitirão a acessibilidade total.

Pesquisa feita pela Geinfra com alunos mostrou que essa área de convivência era uma grande demanda. “Será um espaço para sua permanência, confortável e que apoiará sua rotina com qualidade”, afirma Ana Carolina.

O 2º andar também terá lugares de convívio e com acesso à sacada.



No terraço, espaço aberto para estudantes

Seis salas de aula e áreas da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários integram o pavimento. No 3º, haverá outras seis salas de aula, espaço para soneca, com pufes, módulos para pequenas reuniões e sala da iniciação científica, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Centro de Atenção Psicossocial, Laboratórios de Aprendizagem e de Ensino e Aten-

dimento a Pessoas com Necessidade Educacionais Específicas.

A inauguração do centro ocorrerá em março de 2019, quando serão ministradas no local as primeiras disciplinas. Mas ainda antes de ser lançado, o local sediará oficinas metodológicas durante o Seminário de Desenvolvimento Acadêmico, antes de começar o ano letivo.

DIREITO À VERDADE E À MEMÓRIA

Corte Interamericana condena Brasil no caso Herzog, e grupo da PUCRS é citado na sentença

POR ANA PAULA ACAUAN

Assassinado em 1975 por ser filiado ao Partido Comunista Brasileiro, aos 38 anos, o jornalista Vladimir Herzog virou um símbolo da violência estatal no tempo da ditadura civil-militar. Mais de quatro décadas se passaram, e o Judiciário não deu sequência às investigações, ao julgamento e à punição dos culpados. Em agosto, a Corte Interamericana de Direitos Humanos condenou o Brasil por esse caso e reconheceu que se trata de um crime contra a humanidade, cometido por agente estatal, num contexto de violações sistemáticas e, portanto, imprescritível.

Integrou a sentença uma peça jurídica feita pelo Grupo de Pesquisa Direito à Verdade e à Memória e Justiça de Transição, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da PUCRS. Entre outros pontos, trata dos crimes da ditadura como de lesa-humanidade, do direito à verdade e dos retrocessos no processo de justiça de transição do Brasil. Foi seguido por outras quatro instituições, que atua-

ram como *amicus curiae* (expressão em latim que significa amigo da Corte).

A Corte Interamericana determinou que seja reiniciado o processo penal relativo aos eventos de 25 de outubro de 1975. “Aos familiares não estava sendo garantido pelo estado brasileiro um direito inscrito no Pacto de San José da Costa Rica, o acesso às garantias judiciais”, esclarece José Carlos Moreira da Silva Filho, professor da Escola de Direito e coordenador do grupo de pesquisa. O Brasil é signatário da Convenção Interamericana dos Direitos Humanos desde 1992. Seis anos depois se submeteu à jurisdição desse Tribunal. “O Brasil não foi condenado pela morte de Vladimir Herzog, pois na época não havia aderido à convenção, mas por omissão, pois não tem cumprido com seu dever de dar sequência ao devido processamento, investigações e responsabilização”, complementa.

Tão logo saiu a notícia de que a Comissão Interamericana de Direitos Humanos levou o caso à Corte, Mo-

reira, alunos e egressos da PUCRS começaram a se debruçar sobre o tema. Entre os membros da equipe esteve o advogado Ivonei Souza Trindade, formado na PUCRS em 2014. Quando estudante, liderou o Grupo de Estudos em Direito Internacional. Autor do livro *Amicus Curiae na Corte Interamericana de Direitos Humanos: um guia prático*, havia integrado a iniciativa sobre justiça de transição entre agosto de 2010 e junho de 2011. Trabalhou sobre a importância das normas da Organização das Nações Unidas no caso Herzog e a regra da proibição à tortura. Ao notar que alguns precisavam de ajuda para tratar de outros pontos, acionou a ex-colega na PUCRS Lídia Dreher, que passou a colaborar.

Além de Moreira, Trindade e Lídia, assinam o texto Camila Tamanquevis dos Santos, Caroline Ramos, Sofia Bordin Rolim, Andressa de Bittencourt Siqueira da Silva, Letícia Vieira Magalhães e Marília Benevenuto. O conteúdo será publicado em e-book pela Editora Tirant lo Blanch.



Morte de Vladimir Herzog é emblemática da ditadura civil-militar

“Participar desse pedido de justiça é memorável para nós, cidadãos brasileiros, e especialmente para alguém que vivenciou na pele as atrocidades de um Estado de exceção que expulsa seus filhos do País para que tenham direito à vida e à liberdade.”

*Marília Benevenuto,
advogada e ex-exilada
política*

Entenda melhor

Amicus curiae é uma possibilidade de terceiros que tenham conhecimentos relevantes relacionados ao tema participarem de um processo.

Repúdio à violação de liberdades

O Brasil tem mais de 70 mil processos de reparação pela via da anistia política. Uma série de desaparecimentos, torturas e mortes não foi esclarecida. Para o professor Moreira, a responsabilização por esses crimes é importante por simbolizar o repúdio à violação das liberdades e buscar construir uma cultura pública que condene esses atos. “Julgar os perpetradores vai até o tempo de vida dos suspeitos, buscar os desaparecidos vai até quando forem encontrados. Promover políticas de memória e reparação coletiva são pautas permanentes”, destaca o docente, ex-vice-presidente da Comis-

são de Anistia e seu conselheiro por quase dez anos.

O impacto na vida de milhares de famílias não pode ser mensurado. “Quando se instrumentaliza a instituição pública para violar direitos fundamentais, as consequências são sentidas por toda a sociedade.”

LEI DA ANISTIA

A Ordem dos Advogados do Brasil recorreu ao Supremo Tribunal Federal (STF) pedindo a inconstitucionalidade da interpretação de que os agentes públicos torturadores poderiam se beneficiar da Lei da Anistia, de 1979. “Infe-

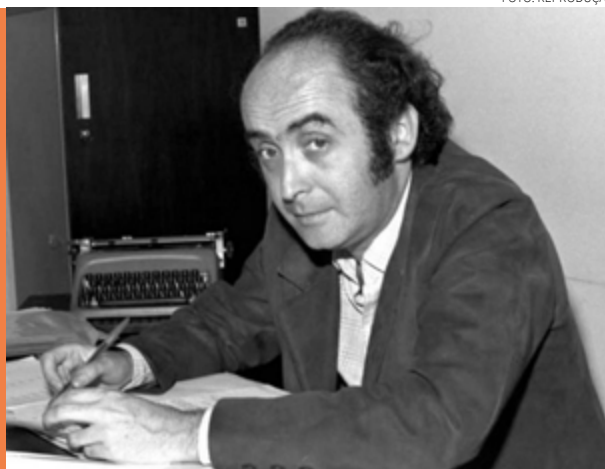
lizmente, em 2010, o Supremo reeditou o entendimento do tempo da ditadura”, aponta Moreira. Mas a decisão não é definitiva. Houve recurso para que o STF se manifeste sobre a compatibilidade da sua decisão com a da Corte Interamericana sobre a Guerrilha do Araguaia. Outra ação requer que não legitime a Lei da Anistia. Estão parados desde aquela época. Esse impasse não impediria que se decidisse seguindo a linha do Tribunal internacional. “Nos casos Rubens Paiva e Riocentro, os juízes de primeiro grau aceitaram as teses e deram início aos processos”, exemplifica o professor.

FOTO: REPRODUÇÃO

Batalha judicial

Um dos resultados da decisão da Corte Interamericana foi a reabertura de investigações do caso Herzog por parte do Ministério Público Federal (MPF) de São Paulo. No dia de sua morte, em 25 de outubro de 1975, o II Comando do Exército afirmou que ele havia cometido suicídio. No mesmo ano, a Justiça Militar confirmou essa versão.

O caso Herzog é um dos poucos que teve sentença favorável aos familiares e ao perseguido político durante a ditadura. A ação civil pedia que o Estado reconhecesse que foi assassinado no DOI-Codi (Centro de Operações de Defesa Interna), além de indenização. “A sentença do juiz Márcio de Moraes, em 1978, foi muito corajosa, dando ganho de causa para a família. Na época, o então Tribunal Federal de Recursos confirmou. Mas o Estado nunca cumpriu. Só em 2012, graças à Comissão Nacional da Verdade, um juiz determinou a mudança no atestado de óbito, retirando a referência ao suicídio e apontando a morte causada por lesões e maus-tratos sofridos em dependência do II Exército-SP”, informa Moreira.



Vladimir Herzog era diretor de Jornalismo da TV Cultura de SP

Em 1992, as autoridades iniciaram uma nova apuração, mas foi arquivada em aplicação da Lei de Anistia. Na mesma década, o jurista Hélio Bicudo tentou provocar o MP de São Paulo para apurar responsabilidades de Pedro Grancieri, conhecido como capitão Ramiro, de ter causado a morte de Herzog. Mas o Tribunal de Justiça concedeu habeas corpus.

Em 2009, o jurista Fábio Konder Comparato voltou a incitar o MPF, mas o procurador mandou arquivar o pedido, alegando que o crime estava prescrito e se aplicava a Lei de Anistia. Só então o sistema interamericano foi provocado.

Saiba mais

Nascido na Iugoslávia, em 1937, e batizado de Vlado Herzog, o futuro jornalista que se radicou no Brasil e assumiu o nome de Vladimir teve de fugir com a família para escapar dos nazistas. Em 1946, vieram viver em São Paulo. Passou um tempo na Inglaterra, contratado pela BBC, e voltou para o País em 1968, em plena vigência do Ato Institucional nº 5. No dia 24 de outubro de 1975, o pessoal do DOI-Codi foi prendê-lo na TV Cultura, onde atuava como diretor de Jornalismo. Ele se apresentou no dia seguinte para nunca mais voltar.



FONTE: AS DUAS GUERRAS DE VLADO, DE AUDÁLIO DANTAS

FOTO: ALBUM DE FAMÍLIA



Marília Benevenuto (no colo da mãe) com a família (D) no Uruguai

Exilada na primeira infância

Filha de Alberto Benevenuto, médico do ex-presidente João Goulart, a advogada Marília colaborou com a peça jurídica especialmente na parte que aborda o Clínicas do Testemunho, do qual participou por ter sido exilada na primeira infância, entre 1964 e 1966. Considera fundamental esse projeto para “amenizar um trauma irreparável e inominável”. Ligado à Comissão de Anistia, oferecia atendimento terapêutico para vítimas de violência estatal.

Ainda antes de ir morar no Uruguai, a família vivia em casas diferentes e o pai foi para a Argentina a fim de escapar da prisão. “Eu era muito pequena. Sem nada entender, tive de abandonar, do dia para a noite, meu quarto de dormir, meu pátio, meus brinquedos, minha primeira casa, para nunca mais voltar. Num primeiro momento fui separada dos meus dois irmãos e dos meus pais. Depois nos unimos no Uruguai. Vivíamos com dificuldades básicas em uma casa cedida pelo Jango que abrigava vários brasileiros; não tínhamos privacidade nem brinquedos. Foi difícil sair e foi difícil voltar; depois vivemos uma espécie de exílio no nosso próprio País. Meu pai continuou a ser perseguido. Sofremos discriminação na escola em São Borja por sermos filhos de ‘pai preso’ e ‘comunista’, o que era pejorativo na época.”

Não bastasse esse trauma, Alberto Benevenuto perdeu o direito de exercer a profissão no Uruguai. Morreu em 1978, quando o carro em que dirigia se chocou com um ônibus, em Osório. A família nunca aceitou a versão oficial de acidente, pois, além de ter sofrido ameaças e emboscadas ao longo da vida, o pai seguia em baixa velocidade, em uma estrada sem curvas. O corpo sequer passou por necropsia nem o veículo foi periciado. Alegaram que “médico não faz necropsia em médico”. Marília ingressou com pedido de anistia no Ministério da Justiça, onde atua em processos desse tipo.

ANTIOXIDANTE CHEGARÁ AO MERCADO

Empresa licencia patente com resveratrol e óleo de arroz

Digite “resveratrol” no Google e encontrará em torno de 7 milhões de resultados. A molécula encontrada na uva preta é altamente consumida como suplemento alimentar por seu efeito antioxidante, agindo contra os radicais livres, que provocam danos nas células e ativam o processo inflamatório. Isso é o que acontece em geral com os animais de apartamento, cujos donos não têm tempo de levá-los passear (e gastar calorias). Para prevenir doenças decorrentes da obesidade ou tratá-las, uma empresa acaba de licenciar uma tecnologia da PU-CRS protegida por patente (concedida nos EUA) que combina o resveratrol com óleo de arroz. A novidade pode chegar ao mercado pet em dois anos.

A companhia fez a troca para a escala industrial, com sucesso, e agora aguarda os testes que serão realizados na Universidade em modelos in vivo para comprovar a eficácia e estabilidade do composto. Exames no Centro de Pesquisa de Toxicologia e Farmacologia já atestaram a segurança do uso em animais, pois o produto não é tóxico.



FOTO: CHUTHARAT KAMKHUNTEE/SHUTTERSTOCK

Resveratrol é uma molécula derivada da uva

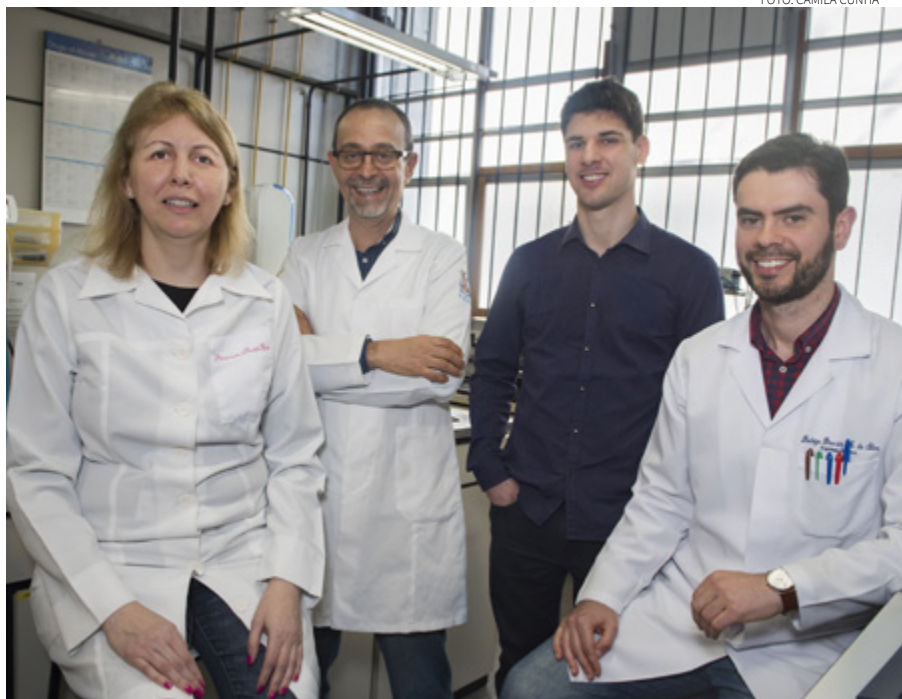
O que é patente?

É um título de propriedade temporário sobre uma invenção ou modelo de utilidade, outorgados pelo Estado aos autores ou outras pessoas/empresas detentoras de direitos sobre a criação. Os requisitos para depositar uma patente são: novidade, aplicação industrial, atividade inventiva (que não decorra de maneira evidente ou óbvia do estado da técnica) e suficiência descritiva (com descrição clara e completa). A patente de invenção vigora pelo prazo de 20 anos e a de modelo de utilidade por 15 anos, contados da data de depósito. Saiba mais em: http://bit.ly/propriedade_intelectual.

PET

A combinação com óleo de arroz aumenta a biodisponibilidade do resveratrol em dez vezes, pois de outra forma ele se perde rapidamente no organismo. Estudioso do assunto há mais de uma década, o professor da Escola de Ciências André Arigony Souto assina a patente com as colegas Fernanda Morrone e Maria Martha Campos, ambas da Escola de Ciências da Saúde, Izaque Maciel e Rodrigo Braccini, na época alunos de graduação em Farmácia e bolsistas de iniciação científica. Arigony coleciona nove invenções protegidas – a maioria sobre a molécula derivada da uva.

Maria Martha, que coordena o Centro de Toxicologia e o Programa de Pós-Graduação em Odontologia, destaca que o desenvolvimento do trabalho permitiu a identificação de uma alternativa promissora para o tratamento de quadros de inflamação crônicas, como artrite reumatoide, com menos efeitos colaterais. Ela destaca a presença dos ex-alunos Rodrigo e Izaque, que seguem carreiras científicas: o primeiro na PUCRS e o segundo nos EUA.



Maria Martha Campos (E), André Arigony Souto, Filipe D'Jacques e Rodrigo Braccini

Dupla de alumni de destaque

Em 2009, Fernanda e Maria Martha fizeram testes com modelos de animais com artrite e identificaram atividade anti-inflamatória do composto superior à apresentada pelo resveratrol sem outro componente. Em agosto de 2011, Rodrigo Braccini finalizou o trabalho de conclusão de curso sobre o tema. “No início, não esperávamos que o resultado fosse da bancada ao balcão da farmácia ou loja. Estamos perto”, afirma. Agora, em estágio pós-doutoral na PUCRS, ele voltará a ter contato com o projeto, conduzindo os ensaios para a empresa D’Almei Participações, de Filipe D’Jacques. Essa etapa deve ocorrer até o final deste ano.

Formado em Administração – Comércio Internacional pela Universidade, em 2012, Filipe atuava na Cerealista FF Jacques, companhia familiar de beneficiamento e armazenamento de grãos de arroz. Depois de uma pós-graduação em Barcelona na área de Inovação e Tendências de Mercado, voltou com a intenção de investir em novos alimentos a partir do farelo, grão e óleo de arroz. Foi então que, em conversa com o professor da PUCRS Marcus Seferin, amigo da família, entrou em contato com Arigony.

À espera dos testes para planejamento e produção, Filipe está confiante: “Teremos um produto exclusivo no mundo”. E tem razão: até agora os resultados mostram que o composto não perdeu suas características na escala industrial. A empresa deve investir num suplemento preventivo de doenças cardiovasculares e antienvhecimento em cães e gatos ou incorporar a fórmula em rações.

PUCRS PREPARA ATLAS HÍDRICO

Estudo multidisciplinar avalia qualidade da água e pensa alternativas para a seca

POR VANESSA MELLO

Ela está presente no nosso dia a dia. Na higiene pessoal, na gastronomia, no jardim, no cuidado com os animais de estimação, nas férias e em inúmeras atividades econômicas de um país, da agropecuária à indústria. A água é um dos bens mais preciosos que a natureza oferece à humanidade e, no entanto, a necessidade de preservá-la passa despercebida muitas vezes. Com foco na

mitigação da seca e na qualidade da água, o Grupo Interdisciplinar de Geofísica Aplicada da PUCRS desenvolve o projeto de pesquisa Mapeamento em subsuperfície do Aquífero Guarani.

O estudo é realizado na depressão central do RS, abrangendo a zona de recarga, onde a água da chuva penetra no solo e alimenta o reservatório. Dentre as áreas visitadas, estão Santa Cruz, Quarta Colônia (Agudo, Faxi-

nal do Soturno, Nova Palma e Dona Francisca), Alegrete e Candelária. “Se poluirmos essa região, depois de a água entrar no reservatório, será muito complicado despoluí-la”, ressalta o coordenador do grupo do curso de Física, Cássio Moura.

Iniciada em 2015, a pesquisa é uma das cinco selecionadas pelo edital Capes Pró-Alertas de 2017 e recebeu verba de R\$ 1 milhão. A equipe é

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Pesquisa é realizada na zona de depressão central do RS

DO RS

formada por estudantes de graduação, pós-graduação e professores de diferentes cursos, pelo Instituto do Petróleo e dos Recursos Naturais da PUCRS, além de ter consolidado uma parceria com a Unipampa, e contar com a participação da pesquisadora da Universidad de Los Andes (Venezuela), Sara Mata Sosa. Utilizando as técnicas de eletro-resistividade e sísmica, o grupo começou com análises geofísicas e químicas e, em 2018, com o edital Praias – Programa de Integração entre as Áreas da Universidade, agregou a vertente da Biologia, com a professora Renata Medina.

SERVIÇO PARA A SOCIEDADE

Um dos objetivos do projeto é prover as autoridades com informações de onde instalar potenciais poluidores. Parte da pesquisa avalia a vulnerabilidade dos poços para poluição, tendo a profundidade como um dos parâmetros. A equipe cria mapas com essas informações, entre outras, para compor o atlas hídrico do RS, que será entregue pelo grupo ao final do estudo. “Esperamos que o governo analise esses mapas antes de autorizar novos locais para instalação de indústrias e leve em consideração se uma região é muito vulnerável à poluição”, aconselha Moura.



CIDADES ONDE FORAM REALIZADAS AS ANÁLISES
Santa Cruz, região da Quarta Colônia (Agudo, Faxinal do Soturno, Nova Palma e Dona Francisca), Alegrete e Candelária

Com relação à seca, a proposta é indicar os poços adequados para cada uso: consumo humano, animal, agrícola e industrial. Aqueles com melhor qualidade devem ser destinados apenas para a população. A água que serve à agricultura não deve ir para as pessoas, a menos que passe por um tratamento de alto custo. No beneficiamento de carne, há grande aplicação na lavagem da gordura, o que não requer muita qualidade. Já o industrial, para lavagem ou resfriamento, normalmente não exige boas propriedades, então

a presença em excesso de algum mineral não é prejudicial.

“Um poço é perfurado e a água vai para várias famílias da comunidade. Elas podem estar usando uma água de altíssima qualidade para o gado e não para o consumo humano. Isso influencia na solução da seca, já que



Estudantes de graduação, pós-graduação, professores e pesquisadores vão a campo

os poços têm nível hidrostático, que indica quantos metros abaixo da superfície está a água. A medida que é usada, esse nível tende a baixar. A ideia é fazer um planejamento de onde sai a água, para qual finalidade e quanto está disponível, otimizando o uso da água de subsuperfície.”

FONTES DE ÁGUA

O grupo realiza duas visitas a cada localidade em períodos diferentes, para comparar a sazonalidade com a qualidade da água, sendo uma época

neutra e outra de aplicação de agrotóxicos em plantações. A equipe analisa poços de variadas fontes, indicados pela Corsan, pela Emater (usados para atender famílias das comunidades próximas), pelas prefeituras locais e pelo governo do RS. “Muitos nunca receberam análise química ou biológica e essas pessoas passaram a vida bebendo água sem saber a sua qualidade. É um estudo caro e vamos entregá-lo sem custo para a sociedade, com aporte do governo federal”, comenta Moura.

Antes de iniciar as atividades de campo para coleta de amostras, a equipe analisou a cultura dessas regiões, como batata, arroz, feijão, soja e morango, e os principais agrotóxicos usados, que são 2,4-D, glifosato e imazetapir. Para o estudo bibliográfico, contaram com ajuda da Emater e da Associação Brasileira de Agroecologia. “Quando encontramos algum agente nocivo para a saúde humana, repetimos a análise utilizando outros instrumentos, parâmetros e técnicas para termos certeza de que realmente a água está contaminada”, esclarece.

As análises geofísicas verificam a estrutura morfológica e estrutural do aquífero próximo da superfície nessa região de recarga. São avaliadas questões como regiões interligadas, profundidade dos poços e tendência na trajetória da água subterrânea, entre outras. “Se contaminamos um

Resultados preliminares

A pesquisa será finalizada em 2019, mas resultados preliminares podem ser compartilhados, como elementos encontrados, salinidade e potabilidade. Veja o que foi descoberto em algumas localidades:

- Nível muito alto de flúor.
- Água muito salina, ou seja, com muitos sais dissolvidos. Não é bom para consumo humano, mas ótimo para fontes termais. Para consumo do gado está adequado.
- Metais pesados: arsênio. É prejudicial para a saúde humana. O grupo pretende investigar de onde vem, se é proveniente das rochas, de poluição local ou de agrotóxicos.
- Indicativo de agrotóxicos. Em um poço foi encontrado chumbo, que é tóxico para o ser humano. A repetição da análise não acusou a presença. Alguns agrotóxicos, como o glifosato, não são detectados após alguns dias da aplicação. Apesar disso, em alguns poços, foi observada sua presença.
- A maior parte da água é potável do ponto de vista químico e pode ser consumida. A parte microbiológica ainda está em estudo.
- A pesquisa resultou na criação de uma aquoteca no Instituto do Petróleo e dos Recursos Naturais da PUCRS. Trata-se de um refrigerador com amostras da água dos poços que serão mantidas até a sua conclusão.
- Grande variação de profundidades. Há poços rasos, de 7 ou 8 metros, e de maior profundidade, que vão de 20 até 120 metros.



Pesquisa avalia a vulnerabilidade dos poços para poluição

poço, por baixo da terra a água migra lentamente e pode atingir outros locais, contaminando-os também.” Já a parte da biologia entra com estudo bacteriológico, na cultura de água para detecção e identificação de bactérias. “Podemos indicar aos produtores de queijo, por exemplo, se há suspeita de contaminantes na água usada para a produção”, diz Moura.

Na química, é feito estudo de “quase toda a tabela periódica” para identificar que elementos estão presentes, levando em consideração as normas de valores adequados para cada item. “Encontramos flúor em excesso em alguns locais e abaixo do necessário em outros. Com isso, mostramos o que precisa ser feito, mas são entidades como a Corsan que cuidam desse equilíbrio. Por exemplo, se há pouco de um elemento, é preciso adicionar; se há muito, é interessante diluir”, explica.



Informações coletadas vão compor o atlas hídrico do RS



Contribuição para o País

Ao final do projeto, o grupo apresentará um atlas hídrico completo da zona de recarga do Aquífero Guarani, com informações químicas, físicas e biológicas. Será de domínio público para consultas on-line. “É a aplicação direta da pesquisa na nossa sociedade com retorno para o País, a saúde e a economia”, planeja o coordenador Cássio Moura.

Segundo ele, a qualidade da água dos rios piorou muito desde a década de 1970 e hoje o rio dos Sinos é um dos mais poluídos, ganhando do Tietê, em São Paulo. “O atlas é algo pioneiro, um marco para uso da água em superfície, referência na região central sobre qualidade e localização dos poços. Espero que estudos assim se repitam em alguns anos e que a qualidade da água subterrânea não tenha piorado”, finaliza.

IMPACTO DA DEPRESSÃO NA EPILEPSIA

Em um modelo experimental, estudo mostra piora do quadro quando as duas doenças estão associadas

Integrantes do Laboratório de Neurociências do Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul (InsCer) fizeram um estudo mostrando que, quando a depressão está associada à epilepsia, acaba contribuindo para a piora do quadro em um modelo experimental. Animais com as duas doenças tiveram maior redução do metabolismo cerebral, ou seja, da atividade do cérebro, quando comparados a animais epiléticos sem depressão. Também apresentaram um maior número de conexões anormais na rede metabólica cerebral entre regiões envolvidas com ambas as patologias.

A partir dos resultados, o grupo busca novas estratégias eficazes e seguras para prevenção e tratamento. “O projeto abre caminho para estudos de redes metabólicas em portadores de epilepsia e depressão, com potencial não só para diagnóstico mais preciso, mas também para escolha e avaliação da terapêutica”, destaca o coordenador da pesquisa, diretor do InsCer e professor da Escola de Medicina, Jaderson Costa da Costa. A ideia é mais adiante realizar um estudo clínico, envolvendo pacientes.



FOTO: BRUNO TODESCHINI

Pesquisadores no InsCer: Gabriele Zanirati (E), Gianina Venturin, Samuel Greggio e Pamela Azevedo

A depressão é considerada a condição psiquiátrica mais frequente em portadores de epilepsia, atingindo de 30% a 35% deles. “Embora os aspectos psicossociais possam contribuir para o desenvolvimento de depressão, pesquisas sugerem, cada vez mais, que a relação entre ambas está associada a mecanismos neurobiológicos comuns, como alteração na

expressão de neurotransmissores envolvidos nas duas doenças, processos neuroinflamatórios e desregulação do eixo hipotálamo-pituitário-adrenal – responsável pelo controle neuroendócrino”, explica a bióloga Gabriele Zanirati, autora do estudo e em estágio pós-doutoral no InsCer. Mas isso ainda não foi totalmente desvendado pelos cientistas.

METODOLOGIA DO ESTUDO

Procurando a correlação desses mecanismos com o comportamento depressivo, o grupo investigou possíveis alterações no metabolismo cerebral em ratos com epilepsia do lobo temporal. Esse é o tipo mais frequente e refratário ao tratamento, ou seja, cerca de 30% dos pacientes deixam de responder aos anticonvulsivantes. Também é comum que apresentem declínio cognitivo e depressão.

A avaliação foi feita por exames na microtomografia por emissão de pósitrons (microPET), uma ferramenta de alta tecnologia disponível no Centro de Pesquisa Pré-Clinica do InsCer. “Com esse exame, nós conseguimos verificar quais regiões consomem mais ou menos glicose, a principal fonte de energia cerebral”, explica Gabriele. Através da injeção de um radiofármaco, é possível visualizar e quantificar dados moleculares funcionais em animais de pequeno porte. Foi

utilizado o Fluorodesoxiglicose marcado com Flúor-18 (^{18}F -FDG), análogo da glicose. “Quanto maior o consumo, maior é a atividade no órgão”, esclarece Pamella Azevedo, bióloga e uma das coautoras do estudo.

Para avaliar o comportamento depressivo, a equipe fez testes já estabelecidos na literatura. Após, os animais epiléticos foram divididos em dois grupos: não depressivos e depressivos (ou seja, que apresentaram esse comportamento, porque, assim como os pacientes, nem todos os animais com epilepsia desenvolvem os sintomas de depressão).

“O estudo demonstrou que a depressão desempenha um papel importante no cérebro epilético, revelando alterações relevantes e complexas no metabolismo e na rede metabólica cerebral envolvendo regiões relacionadas com ambas as patologias”, afirma Gabriele. Os animais que demonstraram menor metabolismo cerebral também apresentaram um

comportamento depressivo mais exacerbado durante os testes avaliados.

Os pesquisadores chamam a atenção dos profissionais da saúde para que busquem o diagnóstico precoce a fim de prevenir o impacto da depressão na qualidade de vida dos pacientes. “Seguiremos estudando os mecanismos comuns entre essas duas patologias para possibilitar a busca por novas alternativas de prevenção e tratamento”, informa Gabriele.

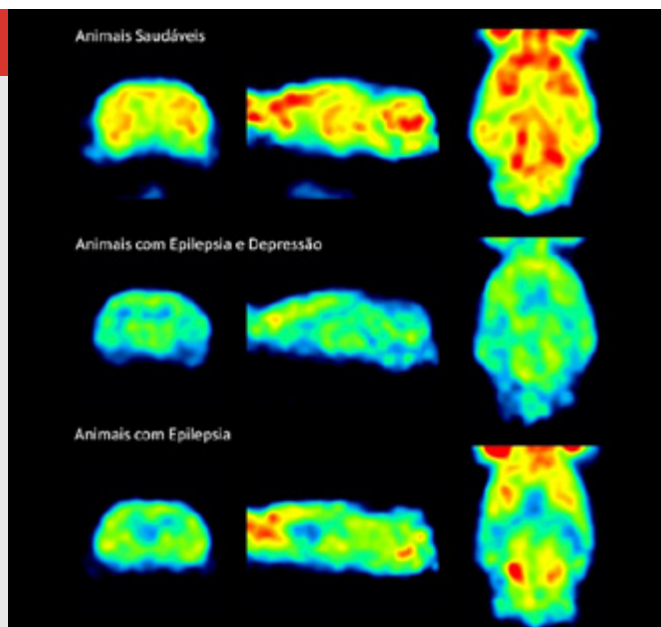
O estudo teve financiamento do CNPq, Capes, PUCRS e Pandurata. Foi recentemente publicado na revista internacional *Epilepsia Journal*. Além de Costa da Costa, Gabriele e Pamella, Gianina Venturin, Samuel Greggio, Allan Alcará, Eduardo Zimmer e Paula Feltes, todos pesquisadores ligados ao InsCer, assinam o artigo.

O artigo completo está disponível on-line em <http://bit.ly/ncbi-depression>

Entenda melhor

Imagens de exame de microPET mostram redução no metabolismo de glicose em ambos os grupos de animais epiléticos, com e sem depressão, comparados aos saudáveis. As cores mais quentes (vermelho-amarelo) significam maior consumo de glicose no cérebro e as mais frias (verde-azul), menor consumo. Porém, a diminuição da atividade cerebral é maior no grupo com ambas as patologias.

FONTE: EPILEPSIA JOURNAL



ARE YOU READY FOR A GLOBALIZED JOB MARKET?

PUCRS oferece disciplinas totalmente em inglês na graduação e na pós-graduação

POR VANESSA MELLO

Um dos idiomas mais falados no mundo, o inglês é comum nos negócios, em viagens, nos estudos, nas relações internacionais. Ter a habilidade de se comunicar na língua universal deixou de ser um diferencial no currículo e passou à exigência básica do mundo do trabalho. Mais do que conhecimento e formação acadêmica e humanística, a universidade deve preparar seus estudantes para um mundo sem fronteiras, proporcionando um ambiente internacionalizado com atividades que vão além da mobilidade, com troca de experiências e de culturas.

A PUCRS oferece a seus alunos o desafio de trabalhar o conteúdo de aula no idioma, como se estivessem em uma universidade do exterior. Tanto na graduação quanto na pós-graduação, promove disciplinas totalmente em inglês que permitem, além do aprimoramento do vocabulário específico de cada área, desenvolver competências para um mercado globalizado.

A experiência prepara os estudantes para situações como mestrado ou

doutorado no exterior, networking com profissionais de todo o mundo e oportunidades de trabalho em empresas com representação global e até de atuar em outros países. As disciplinas em inglês existem dentro de um plano estratégico da Universidade, de fomento à internacionalização, e muitas possuem perfil interdisciplinar. “São voltadas tanto

para alunos de mobilidade in quanto out ou que queiram participar de competições internacionais, fazer pós-graduação no exterior, aprimorar o idioma, viver em ambientes internacionalizados”, comenta Gabriela Wallau, da Coordenadoria de Desenvolvimento Acadêmico, da Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada (Prograd).

FOTO: BRUNO TODESCHINI



Conteúdo das aulas no idioma como em uma universidade do exterior



MEIO DE COMUNICAÇÃO

A PUCRS adota cada vez mais a ferramenta de ensino English as a Medium of Instruction (EMI), de crescente tendência nas universidades de classe mundial. Na graduação, as disciplinas em inglês utilizam o idioma como meio de comunicação para explorar o conteúdo. “Não é aula de inglês, é aula em inglês”, ressalta Gabriela, que ministra *Alternative Dispute: Resolution Mediation, Arbitration and Conciliation* e *Business Law II: Corporations*.

A interdisciplinaridade é um ponto forte de muitas disciplinas. A professora Cristina Perna comanda *Theories*

in *Language Acquisition* e explica que sua aula dialoga com diversas áreas, como Filosofia, Psicologia, História, Comunicação, Medicina. “Além de favorecer o intercâmbio de informações e as conexões com temas vistos em outras disciplinas, o aluno tem uma vivência no idioma, o que pode ser um incentivo para uma futura experiência de mobilidade acadêmica e traz benefícios biológicos, fisiológicos, neurológicos, já que aprender uma segunda língua aumenta a plasticidade do cérebro”, diz.

Aos 53 anos, o administrador José Gazola, voltou a estudar, no embalo

da filha, estudante de Medicina. Escolheu o curso de Letras Inglês, um sonho antigo. Aluno de Cristina, considera excelente a possibilidade de fazer disciplinas no idioma. “Com o mundo ultracompetitivo e globalizado, o inglês é fundamental para todo o profissional, em qualquer área”, reflete.

Outra característica é que, em sua maioria, funcionam como um espelho do currículo da graduação. Assim, ao escolher cursar a disciplina em inglês, o estudante não precisa fazer a equivalente em português. No segundo semestre de 2018, foram 15 disciplinas com mais de 200 matriculados.

PUCRS, destino de alunos estrangeiros

As disciplinas em inglês na graduação podem ser a resposta para estudantes internacionais que desejam fazer mobilidade no Brasil, mas não dominam o português. No segundo semestre de 2018, são 22 alunos de intercâmbio matriculados nessa modalidade. Podem optar, ainda, pelo curso de Português para Estrangeiros, oferecido gratuitamente nas duas semanas que antecedem o início das aulas.

Zachary Lohnes, do 5º semestre de Filosofia e Estudos de Gênero da Dalhousie University (Canadá), escolheu o Brasil por seu interesse na cultura sul-americana e encontrou na PUCRS a possibilidade de ter aulas no seu idioma nativo. “Essa experiência me beneficia de muitas formas. A aula de Empreendedorismo Digital me proporcionou um ponto de vista interessante do mundo que ainda não tinha visto nos

meus estudos anteriores. Ajudou a ampliar meu senso de estrutura de negócios e do mundo digital. É ótimo ter professores que falam a minha língua”, afirma o jovem de 23 anos que chegou a Porto Alegre em junho e fica até dezembro.

O professor da disciplina, Rafael Chanin, explica que as aulas ocorrem 100% em inglês, aliando teoria e prática. Como ferramentas, utiliza a leitura, a fala, a escuta, a compreensão e a interpretação. “De 15% a 20% da aula é contextualização sobre o que é empreendedorismo e conceitos básicos. O restante é trabalho em grupo, brain storm, definir o tipo de negócio que querem trabalhar e testar com o público em potencial o que dá e o que não dá certo”, conta. Em outro ano, Chanin recebeu alunos da Ilha de Barthes, no Pacífico, que criaram um site para quem quer visitar ilha, com foco no turismo. “Para vender, eles usaram o conhecimento pessoal, aliado às ferramentas trabalhadas em aula”, lembra.

FOTOS: BRUNO TODESCHINI



Zachary Lohnes, do Canadá, tem aulas 100% em inglês

A língua da ciência

O diretor de Pós-Graduação, Christian Haag Kristensen, destaca que o inglês é a língua da ciência e as disciplinas nesse idioma auxiliam no desenvolvimento das habilidades oral, de redação, de compreensão textual e verbal. Com essas aulas, a PUCRS promove a internacionalização em casa e proporciona ao aluno o contato com temas globais, além

da vivência na terminologia da sua área. “Vamos investir cada vez mais na crescente internacionalização do currículo de forma a aumentar número de alunos estrangeiros nos nossos programas”, acrescenta.

A participação dos alunos é ativa e, ao perceberem o ambiente amigável, sentem-se seguros para se arriscar no inglês. “Eles contribuem de forma

muito positiva e desenvolvem uma relação entre os colegas de estímulo e companheirismo. Embora nossos alunos de pós-graduação leiam trabalhos científicos em inglês com frequência e assistam a filmes e séries no idioma em momentos de lazer, têm poucos contextos para praticar o idioma”, reflete a professora Mônica Vianna.

Oportunidades no exterior

Os Programas de Pós-Graduação da PUCRS contam com 22 disciplinas em inglês, todas eletivas, ofertadas regularmente. Do segundo semestre de 2016 ao segundo semestre de 2018, foram cursadas por 235 alunos, sendo 12 estrangeiros.

Formando em Ciências Biológicas na Caldas University (Colômbia), Mario Alejandro Duque Villegas faz mestrado em Biologia Celular e Molecular e é aluno da disciplina Scientific Writing and Communication. O fato de ofertar disciplinas em inglês foi um dos grandes motivos de escolher a Universidade.

“Profissionalmente, ter um mestrado no Brasil e em outro idioma é ótimo, não apenas pela experiência em si, mas para conhecer uma cultura diferente, a forma de fazer ciência e para meu currículo. Pessoalmente foi um desafio. No início do ano eu não falava muito português, mas todos sempre foram muito compreensivos”, conta.

MAIS SEGURANÇA

Para a professora da disciplina, Mônica Vianna, o domínio do idioma é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento profissional dos alu-



Mario Villegas cursa Scientific Writing and Communication com Mônica Vianna

nos, em especial na área científica. “A experiência contribui para que fiquem mais seguros e explorem possibilidades de desenvolvimento no exterior, como doutorado sanduíche e estágios em laboratórios. A ciência é ‘feita’ em inglês e, como diria o autor de um dos livros que recomendo na disciplina: um cientista é um comunicador.”

Apesar de ser uma disciplina do PPG Biologia Celular e Molecular, é aberta a alunos de outros programas e, segundo Mônica, recebe estudantes

dos programas de Psicologia, Medicina e até Engenharia e Tecnologia de Materiais e Engenharia Elétrica. “Esses alunos se integraram completamente ao grupo e participam das discussões. Muitas vezes debatemos como são aspectos específicos de suas áreas e programas e isso favorece não só a interdisciplinaridade, mas o desenvolvimento de uma visão mais ampla. É uma maneira de conhecer e explorar a Universidade além dos seus PPGs”, acrescenta.

LEXIS

Além das disciplinas em inglês, a PUCRS promove a capacitação linguística e cultural por meio do Lexis - Centro de Idiomas. Atualmente oferece cursos de alemão, espanhol, francês, grego, inglês, italiano, japonês, russo e Libras.

Saiba mais em: www.pucrs.br/humanidades/lexis

PRÓXIMA PARADA: AMÉRICA LA

Países latino-americanos destacam-se pela riqueza cultural e possibilidade de aprimorar um segundo idioma

POR MARIANA HAUPENTHAL

A experiência de viver no exterior é sempre enriquecedora. O que muitas vezes passa despercebido é que o contato com uma nova cultura e a vivência de um novo idioma podem estar mais perto do que imaginamos. Os destinos da América Latina têm se tornado cada vez mais cobiçados

pelos estudantes interessados em mobilidade acadêmica. Aqueles que foram indicam: há muito o que viver nos países coirmãos.

A América Latina tem se popularizado, principalmente, por oferecer a possibilidade do aprendizado de um segundo idioma com um investimen-

to mais em conta do que em alguns destinos da Europa ou América do Norte. Apesar da proximidade geográfica, aqueles que embarcam para países como Colômbia, Argentina e México se deparam com uma imersão cultural riquíssima e bem diferente do Brasil.

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



No Chile, Isadora atuou nos Centros de Salud Familiar

TINA

EXPERIÊNCIA NO CHILE

Isadora Teixeira, aluna do 5º ano da Escola de Medicina, foi bolsista do Programa Bolsas Ibero-Americanas do Santander Universidades e participou do internato (também chamado de estágio curricular) na PUC do Chile, na área de Medicina de Família e Comunidade. Para a estudante, poucos dias foram suficientes para se apaixonar pela cidade de Santiago.

Além de um transporte público eficiente e de qualidade, praças e parques para aproveitar em segurança, Isadora destaca a hospitalidade do povo chileno como um dos principais pontos positivos. “Incansáveis em ajudar os estrangeiros e sempre disponíveis para dar informações, os chilenos refletem a verdadeira energia do país, fazendo com que o visitante se sinta em casa”, completa.

Durante o estágio, Isadora atuou nos Centros de Salud Familiar, equivalentes aos postos de saúde do Brasil. Para a estudante, o relacionamento com residentes e pacientes foi o mais enriquecedor, aliado às aulas teóricas que possibilitaram discussões sobre similaridades e diferenças no campo da saúde no Chile e no Brasil.



Reconhecimento: Julia recebeu a medalha de mérito acadêmico no México

Relações interculturais

A aproximação com a América Latina também pode ser percebida no próprio Campus da PUCRS. Alunos internacionais latino-americanos são recepcionados todos os semestres pela equipe da Mobilidade Acadêmica e pelos voluntários do Programa Amigo Universitário, promovendo a chamada internacionalização em casa (IeC) e permitindo experiências interculturais.

Julia Ourique Valim, do curso Comércio Internacional da Escola de Negócios, foi uma das alunas inspiradas a conhecer os encantos dos países vizinhos a partir da convivência com os próprios colegas de outras nações em mobilidade na PUCRS. “O convívio com estrangeiros amplia muito a visão sobre as possibilidades que temos enquanto estudantes e as alternativas que a universidade nos oferece – e de que, muitas vezes, não nos damos conta”, comenta Julia.

A estudante optou pela Universidade de Celaya, no México, para seu período de mobilidade acadêmica. A vivência no exterior não só rendeu boas histórias, mas conquistas acadêmicas. Em fevereiro, Julia foi homenageada com uma medalha de mérito acadêmico, devido ao seu excelente desempenho nos estudos na universidade mexicana. O período foi tão positivo, que ao término do primeiro semestre em mobilidade, a aluna renovou por mais seis meses, permanecendo um ano na cidade de Celaya.

Experiências na pós-graduação

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Aline Bianchini também optou pelo continente latino-americano para seu doutorado-sanduíche. A pesquisadora permaneceu quatro meses na Universidad de la República, em Montevideú, Uruguai, onde apoiou dinâmicas e grupos de pesquisa, além de participar de eventos e seminários.

A experiência na América Latina foi uma oportunidade de se aproximar da identidade latino-americana que, muitas vezes, parece algo mais distante do Brasil do que dos outros

países. “Principalmente para nós, do Rio Grande do Sul, ter uma experiência na região do Rio da Prata é algo incrível. Acabamos descobrindo como somos mais parecidos culturalmente com o ‘povo rio-platense’ do que, muitas vezes, com o restante dos estados brasileiros”, comenta.

Ana Claudia Cifali escolheu a Universidad del Litoral, em Santa Fé, Argentina, onde permaneceu seis meses. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, ela destaca os contextos semelhantes como vantagens para diálogos interessantes sobre a realidade de

cada país. “Mesmo cada um tendo suas particularidades, ainda assim é possível encontrar muitos pontos de contato, pois somos capazes de compreender o que se passa nestes lugares”, comenta.

Para a estudante, o intercâmbio também rendeu importantes redes de pesquisa internacionais. “A partir da inserção da Argentina, me uni ao Grupo de Trabalho em Infâncias e Juventudes do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais, importante rede de construção e intercâmbio de conhecimentos no âmbito latino-americano”, conta Ana Claudia.

FOTO: BRUNO TODESCHINI



Ana Claudia (E) e Aline viveram boas experiências de pesquisas no Uruguai e na Argentina



PUC do Chile é a melhor universidade do continente em ranking de 2018

Ensino de excelência

Diferentes indicadores evidenciam cada vez mais as instituições de ensino superior da América Latina por sua excelência acadêmica. A PUC do Chile, uma das 45 instituições latino-americanas conveniadas à PUCRS, foi eleita a melhor universidade do continente pelo QS World University Rankings em 2018. Outro destaque fica por conta do Instituto Tecnológico de Monterrey, no México – ocupando o 4º lugar no continente –, reconhecido especialmente nas áreas de Negócios e Economia, Engenharia e Tecnologia e Ciências.

De acordo com o ranking Times Higher Education (THE) Latin America 2018, Equador e Chile são os países latino-americanos de melhor desempenho quando se trata da influência de pesquisa de suas universidades e perspectivas internacionais. A Argentina, por sua vez, destaca-se especialmente na quali-

dade do ensino oferecido em suas instituições de ensino superior.

COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Os movimentos de aproximação com a América Latina têm sido pauta constante na Universidade. Novos convênios de cooperação não só possibilitam o fomento da internacionalização por meio da mobilidade acadêmica discente e docente, mas incentivam a colaboração no âmbito da pesquisa e do desenvolvimento.

Na Assessoria de Cooperação Internacional, a coordenadora administrativa Sandra Mino é responsável pelas estratégias de aproximação com os países latino-americanos. Ela destaca os novos convênios assinados com a Fundación Universitaria Autónoma de las Américas, da Colômbia, com a Universidad Técnica de Machala, do Equador, com a Universidad Católica

de Trujillo Benedicto XVI, do Peru, e com a Universidad Nacional del Noroeste de la Provincia de Buenos Aires, da Argentina, como ações para estreitar laços com os países vizinhos nas diversas áreas do conhecimento.

“Sabemos da qualidade e do potencial de instituições da América Latina e os rankings estão aí para confirmar. Por isso, estamos voltados a fomentar contatos e ações com esses países”, comenta. A Assessoria, por meio da mobilidade acadêmica e do setor de negócios e prospecção, reúne esforços para aumentar o fluxo das atividades que atraiam a cooperação mútua com os latino-americanos. Além disso, os eventos internacionais proporcionam possibilidades para contatos e acordos, conhecimento e tendências, proporcionando encontros com universidades de diversas partes do mundo e com ótimas oportunidades de cooperação internacional.



Lâmpadas são testadas em equipamentos do laboratório

EFICIÊNCIA ENERGÉTICA COMPROVADA

Labelo verifica a qualidade de equipamentos certificados com Selo Procel

POR GREICE BECKENKAMP

A partir deste ano, os Laboratórios Especializados em Eletroeletrônica da PUCRS (Labelo) realizam ensaios de eficiência energética em quatro tipos de produtos à venda no mercado. Trata-se de uma segunda verificação. A primeira é realizada, a pedido do fabricante, ainda na linha de produção, antes de saírem da fábrica e receberem a autorização do Inmetro para comercialização em todo o País. O Labelo foi um dos laboratórios vencedores de uma licitação realizada pela Eletrobras, com o objetivo de garantir que esses pro-

duto funcionem, depois de prontos, nos níveis declarados nas etiquetas.

Amostras desses equipamentos são compradas em lojas e, depois, testadas no Labelo. São submetidos ao processo lâmpadas, reatores, máquinas de lavar e condicionadores de ar. “Essa é a garantia de que, naquele momento, meses após a fabricação, o mercado brasileiro tem produtos de qualidade, com a melhor sustentabilidade possível”, afirma Carlos Bindé Júnior, coordenador de Desenvolvimento e Qualidade do Laboratório.

A eficiência energética é classifi-

cada em etiquetas afixadas aos equipamentos, composta por letras que vão de A até E (sendo o A o mais econômico e o E o menor em economia). Os produtos com melhor eficiência ganham um selo como premiação da Eletrobras, o chamado Selo Procel, com o objetivo de orientar o consumidor na hora da compra. “Hoje os brasileiros já sabem olhar para a etiqueta e isso é fator de decisão”, lembra Bindé.

ECONOMIA DE ENERGIA

O Selo é uma das ações do Programa Nacional de Conservação de

Energia – Procel, da Eletrobras, que apresenta ótimos resultados em termos de economia de energia no País. Segundo relatório do programa, somente em 2017 a economia foi de aproximadamente 21,2 bilhões de kWh. Isso ajudou a evitar que 1,965 milhão de toneladas de CO₂ fossem liberadas na atmosfera, o que corresponde às emissões proporcionadas por 675 mil veículos durante um ano.

Israel Teixeira, diretor do Labelo, lembra que a sociedade, em todos os seus segmentos, tem muito claro o impacto econômico e ambiental decorrente do uso massivo de energia elétrica. Por isso, demanda equipamentos elétricos e de uso doméstico com eficiência energética comprovada. “A atuação do Labelo junto à Eletrobras em programas de vigilância de mercado objetiva assegurar que aqueles produtos que obtiveram o Selo Procel continuem, ao longo de seu ciclo de vida, apresentando consumos de energia eficientes”, completa.

Em outros projetos, o laboratório também avalia a parte de segurança elétrica dos equipamentos, que passam por testes para verificar se oferecem total segurança aos consumidores. “Para exemplificar, é preciso ter certeza de que quando um interruptor for colocado na tomada, não dará um choque na pessoa. Usamos normas internacionais para garantir a segurança e a preservação da vida”, relata Bindé. A parceria do Labelo com a Eletrobras existe há mais de 15 anos. Por meio dela, o laboratório realiza a certificação de qualidade inicial de diversos produtos nas partes de segurança elétrica e de eficiência energética, antes de chegar ao consumidor.

O que é o Procel?

O Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica (Procel) promove o uso eficiente da energia elétrica, combatendo o desperdício e reduzindo os custos e os investimentos setoriais. Criado pelo governo federal em 1985, é executado pela Eletrobras.

Instituído em 1993, o Selo Procel de Economia de Energia indica ao consumidor, no ato da compra, os equipamentos que apresentam os melhores níveis de eficiência energética dentro de cada categoria. O objetivo é estimular a fabricação e a comercialização de produtos mais eficientes, contribuindo para o desenvolvimento tecnológico e a preservação do meio ambiente.

FOTOS: CAMILA CUNHA



Segunda verificação para comprovar consumo de energia eficiente

Um elo com a indústria

Com 50 anos de atuação, o Labelo é um dos principais elos de integração da PUCRS com a comunidade industrial. Atua como prestador de serviços em processos de desenvolvimento e certificação de produtos para clientes no mundo todo, sendo referência na América Latina em ensaios e calibrações e acreditado pelo Inmetro há 25 anos. Integram o Labelo 33 laboratórios de ensaios em produtos (eletrodomésticos, iluminação e saúde, por exemplo) e oito de calibração de instrumentos de medição (eletroacústica e telecomunicações, por exemplo).



Tecnopuc faz parte do tripé de cooperação entre as universidades

FOTO: BRUNO TODESCHINI

UM PACTO PARA PORTO ALEGRE

Pacto para a Inovação será o primeiro projeto da Aliança para Inovação da Capital

Os meses de novembro a março de 2019 marcarão avanços na Aliança para Inovação de Porto Alegre, criada em abril pela PUCRS, UFRGS e Unisinos. É quando deverá ser assinado o Pacto para a Inovação, o primeiro grande projeto da parceria entre as três instituições voltadas à articulação de ações de alto impacto que pretendem transformar a Capital numa referência de ecossistema de inovação de classe mundial.

Na prática, significa o começo de um grande trabalho de motivação e união para o futuro da cidade. “Nossa meta é que Porto Alegre seja cada vez mais conectada e global, capaz de motivar e inspirar o desenvolvimento de startups e atrair novos investimentos.

É uma tentativa de construir uma visão de futuro moderna e compartilhada”, resume o superintendente de Inovação e Desenvolvimento da PUCRS e representante da Universidade no comitê estratégico da Aliança, Jorge Audy.

Entre novembro de 2018 e março de 2019, será criada a Mesa do Pacto, formada por até 60 representantes dos segmentos acadêmico, empresarial, de governo e da sociedade. A Mesa é parte da metodologia criada pelo espanhol Josep Piqué, assessor da Aliança, e que traz na bagagem a participação em projetos de revitalização bem-sucedidos em Barcelona, Medellín e Florianópolis. No contexto do Pacto, a missão da Mesa será articular, definir e priorizar

os principais desafios, projetos e ações necessárias para Porto Alegre.

UNIÃO DE FORÇAS

Segundo Audy, entre os grandes desafios que devem ser priorizados pela Mesa, o 4º Distrito e o Arroio Dilúvio são potenciais candidatos. O primeiro envolve constituir uma região de vocação tecnológica na Zona Norte – projeto idealizado há décadas e não concretizado. O segundo é o de despoluição do riacho que corta a Av. Ipiranga. “Nunca ocorreu uma união de forças que priorizasse isso. Até agora, a Capital não conseguiu reunir condições mínimas de consenso para realizá-las”, observa.

Quando a Mesa definir os desafios, o próximo passo será identificar quais projetos serão desenvolvidos e implementados. Cada um deles terá um responsável na sua condução. Não caberá à Aliança realizá-los, mas monitorá-los, na lógica de buscar consensos para que se tornem viáveis, ajudando a criar as condições e as oportunidades.

As atividades da Aliança, desde o lançamento, além de mobilizar a sociedade em torno da proposta de transformar Porto Alegre em um polo gerador de novos empreendimentos de base tecnológica e startups, têm sido, por meio de grupos de trabalho, realizar levantamentos de demandas e expectativas em diversos segmentos, em um sistema de cocriação. Relatórios técnicos são gerados para embasar as futuras reflexões e decisões.

COOPERAÇÃO

A agenda de cooperação prevê o compartilhamento de estruturas

dos parques tecnológicos das três universidades – Tecnopuc, Zenit e Tecnosinos – entre todas as empresas e incubadas e instaladas, além do início de trabalhos de pesquisa conjuntos. Por exemplo, uma empresa instalada em um prédio centenário da Faculdade de Engenharia da UFRGS poderá fazer uma dinâmica de cocriação para um produto no CriaLab, do Tecnopuc. O objetivo é gerar sinergia, colaboração, atuação

conjunta e compartilhamento de recursos.

O reitor Ir. Evilázio Teixeira observa que toda essa mobilização se encaixa perfeitamente no posicionamento estratégico da PUCRS. “A sociedade deve conciliar as suas diferenças e atuar de maneira alinhada e cooperada. Chegou a hora de termos ousadia e construir um ecossistema global de inovação, com forte visão de atuação internacional”, conclui.

FOTO: RODRIGO W. BLUM/DIVULGAÇÃO



Reitores e o prefeito: mobilizando a sociedade

Mil startups em dez anos

O projeto da Aliança para Inovação de Porto Alegre é desafiador. Mas também ousado é o desafio que o Tecnopuc lançou ao completar 15 anos em 2018: gerar mil startups em dez anos. Para alcançar esse objetivo, a PUCRS pretende aproximar seus estudantes das iniciativas do Parque Tecnológico.

Um projeto está sendo elaborado para que todos os alunos das Escolas Politécnica, de Negócios e de Medicina vivenciem a experiência de montar uma empresa. Nos próximos anos, também serão aprofundadas iniciativas como

o Torneio Empreendedor e o Startup Garagem, além de novas ações visando motivar e apoiar a geração de novos empreendimentos por parte de estudantes de graduação, mestrado e doutorado junto aos docentes e pesquisadores. “Significa despertar a chama do empreendedorismo e oferecer a esses jovens condições para exercer uma atitude proativa e inovadora, gerando empresas, oportunidades e contribuindo para o desenvolvimento da cidade e do País”, prevê Jorge Audy.

NIMBA, A DEUSA DA FERTILIDADE

Estátua de arte secular produzida por afrodescendentes no RS é a primeira encontrada no Brasil

Uma escultura em madeira encontrada no início da década de 1980, no Rio Ijuí, em Santo Ângelo, na região das Missões, traz uma nova perspectiva para o estudo da presença de africanos no RS. A peça é a primeira do tipo encontrada no País e teve sua origem confirmada pelo coordenador do Núcleo de Estudos em Cultura Afro-brasileira e Indígena (Neabi) e do Grupo de Pesquisa sobre Arte Sacra Jesuítico-Guarani, Édison

Hüttner. Trata-se de uma deusa Nimba, considerada a deusa da fertilidade, e produzida por afrodescendentes que viviam no Estado no século 18.

A descoberta aconteceu por acaso. O comerciante e colecionador Getúlio Lima comprou a estátua de um pescador e a colocou para decorar sua sala. Há dois anos, sabendo das pesquisas de Hüttner sobre arte religiosa missioneira, o procurou para conhecer mais sobre o artefato. O pesquisador propôs uma investigação a partir de duas hipóteses. “Por suas características, pensei que poderia ser africana ou inca”, conta.

RITUAIS RELIGIOSOS

Com 46,4 cm e 3,70 kg, a deusa Nimba – significa alma grande no vocábulo mandê – foi submetida a uma tomografia no Instituto do Cérebro do RS que certificou ser de madeira guajuvira maciça. Com o coordenador do Laboratório de Arqueologia, Klaus Hilbert, e o pesquisador Éder Hüttner, o coordenador do Neabi começou a procurar relatos históricos e comparar

a peça com imagens de outras expostas em museus de Paris e Nova York.

Os pesquisadores apontam que a escultura não foi trazida por escravos em navio negreiro, pois não era permitido a eles carregarem objetos. Concluíram que foi produzida por afrodescendentes que conheciam a arte, a escultura e os rituais praticados pelos povos Baga e Nalu, nas Repúblicas da Guiné e da Guiné-Bissau, região oeste da África, desde o século 15.

Édison Hüttner afirma que a descoberta indica a existência de rituais autênticos de religiosidade de afrodescendentes no RS. Acredita que artefato esteve escondido em algum local para ser cultuado, o que era proibido pelos governantes da época. Na tradição, o culto secreto à Nimba era realizado apenas por homens em rituais na floresta conduzidos por um sacerdote.

“Foi esculpida por um mestre que conhecia os detalhes, a sincronia, o significado e arte de uma deusa Nimba em toda a sua estrutura de talhes, em sua harmônica e estruturante trilogia: cabeça, peito e pernas”, observa Hüttner. A estátua ficou exposta para visitaçãõ no saguão da Biblioteca Central da PUCRS entre os meses de setembro e outubro.



FOTO: CAMILA CINQUA

Deusa Nimba era cultuada por homens em rituais secretos nas florestas

MAIS ESPAÇO PARA CUIDAR DA VIDA

Ampliação do Instituto do Cérebro



InsCer

Instituto do Cérebro



DESDE A INAUGURAÇÃO, SOMOS REFERÊNCIA EM PESQUISA E DIAGNÓSTICO NA ÁREA DE NEUROCIÊNCIAS E NA PRODUÇÃO DE RADIOFÁRMACOS.

COM A EXPANSÃO, NOS TRANSFORMAREMOS EM UM DOS MELHORES CENTROS DO MUNDO EM AVALIAÇÃO E INVESTIGAÇÃO DE SOLUÇÕES PARA OS TRANSTORNOS DO CÉREBRO, E EM DESENVOLVIMENTO E APLICAÇÃO DE TECNOLOGIA DE PONTA A SERVIÇO DA SAÚDE.

A ampliação do InsCer será a primeira obra de uma série de entregas do projeto Campus da Saúde, uma iniciativa inovadora voltada à pesquisa, ao ensino, à assistência e à promoção integrada em saúde no Sul do país.

SEM A PRESSÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Miguel Zabalza estuda e reflete sobre os desafios da docência e da pesquisa na universidade

POR EDUARDO BORBA

Uma das autoridades mundiais no debate sobre a didática universitária, o professor Miguel Ángel Zabalza Beraza recebe da PUCRS, em outubro, dentro do marco de seus 70 anos de fundação, o título de Doutor Honoris Causa, proposto pela Escola de Humanidades. A honraria, maior reconhecimento acadêmico a uma personalidade por suas contribuições à sociedade, é concedida ao pesquisador que reflete e propõe melhorias constantes ao exercício da docência. Professor de Didática e Organização Escolar da Universidade de Santiago de Compostela, em Galiza (Espanha), é doutor em Psicologia e bacharel em Pedagogia. Também é o principal investigador de mais de 25 projetos de pesquisa, nacionais e internacionais,

quase todos coordenando o trabalho de grupos pertencentes a várias universidades espanholas. Seus livros e artigos estão entre os mais citados em áreas como Educação Superior e Psicologia, especialmente no debate sobre a necessidade de equilíbrio entre produção científica e atualização profissional, diversidade, competências docentes e os reflexos dos rankings internacionais na atuação acadêmica.

Sua presença na PUCRS – com a qual soma mais de 20 anos de relacionamento – para ser homenageado com o Doutor Honoris Causa, também será destaque no 10º Congresso Ibero-Americano de Docência Universitária (CIDU), do qual é fundador. Realizado há duas décadas, o evento está pela primeira vez no Brasil, sediado

no Campus, de 30 de outubro a 1º de novembro. Com o tema central *Envolvimento estudantil na Educação Superior*, aborda questões avaliadas como de expressivo interesse na atualidade voltados à aprendizagem e ao ensino. Destacam-se entre as discussões e produções apresentadas, a permanência e a fidelização na educação superior (ES); internacionalização; políticas e gestão da ES; tecnologias digitais; formação discente; currículos e percursos formativos; redes de pesquisa; e diversidade cultural, identidade de gênero e inclusão.

Como presidente da Associação Ibero-Americana de Docência Universitária, Miguel Zabalza concedeu entrevista à Revista PUCRS e revelou alguns dos seus projetos em desenvolvimento.



Que desafios o senhor considera mais expressivos no contexto universitário brasileiro, em que a preocupação com a posição de rankings necessita ser acompanhada da produtividade e da qualidade na pesquisa?

Neste ponto, o Brasil não é muito diferente de outros países. Há uma grande pressão para submeter a produção científica dos pesquisadores ao escrutínio e controle. Avaliar o que é feito no campo da pesquisa é necessário, mas desde que respeitadas as condições de produção em que cada área científica está localizada. O problema com a pressão atual é que foram estabelecidos critérios pertinentes para a área de ci-

“Não importa mais se o que você faz é valioso, mas que seja publicado em periódicos indexados.”

ências experimentais e/ou técnicas, mas com menos peso para as ciências sociais e humanas. Há muitos problemas criados com a própria natureza dos critérios estabelecidos internacionalmente. Na Espanha, houve uma recente discussão entre os diretores de revistas incluídas nos rankings sobre os indicadores usados, muitos considerados por eles incorretos.

A produtividade e as publicações estariam acima de tudo, então?

No aspecto mais conceitual dessa pressão, há um movimento interessante em torno do pensamento de Stephen Ball contra a performatividade* e a necessidade de controle e avaliação constante de produtos para acreditação acadêmica. Um processo que altera sua identidade, suas prioridades e o significado nos quais estão envolvidos. Não importa mais se o que você faz é valioso, mas que seja publicado em periódicos indexados. Do nosso ponto de vista, como pedagogos e estudiosos do ensino universitário, não podemos deixar de constatar o efeito negativo

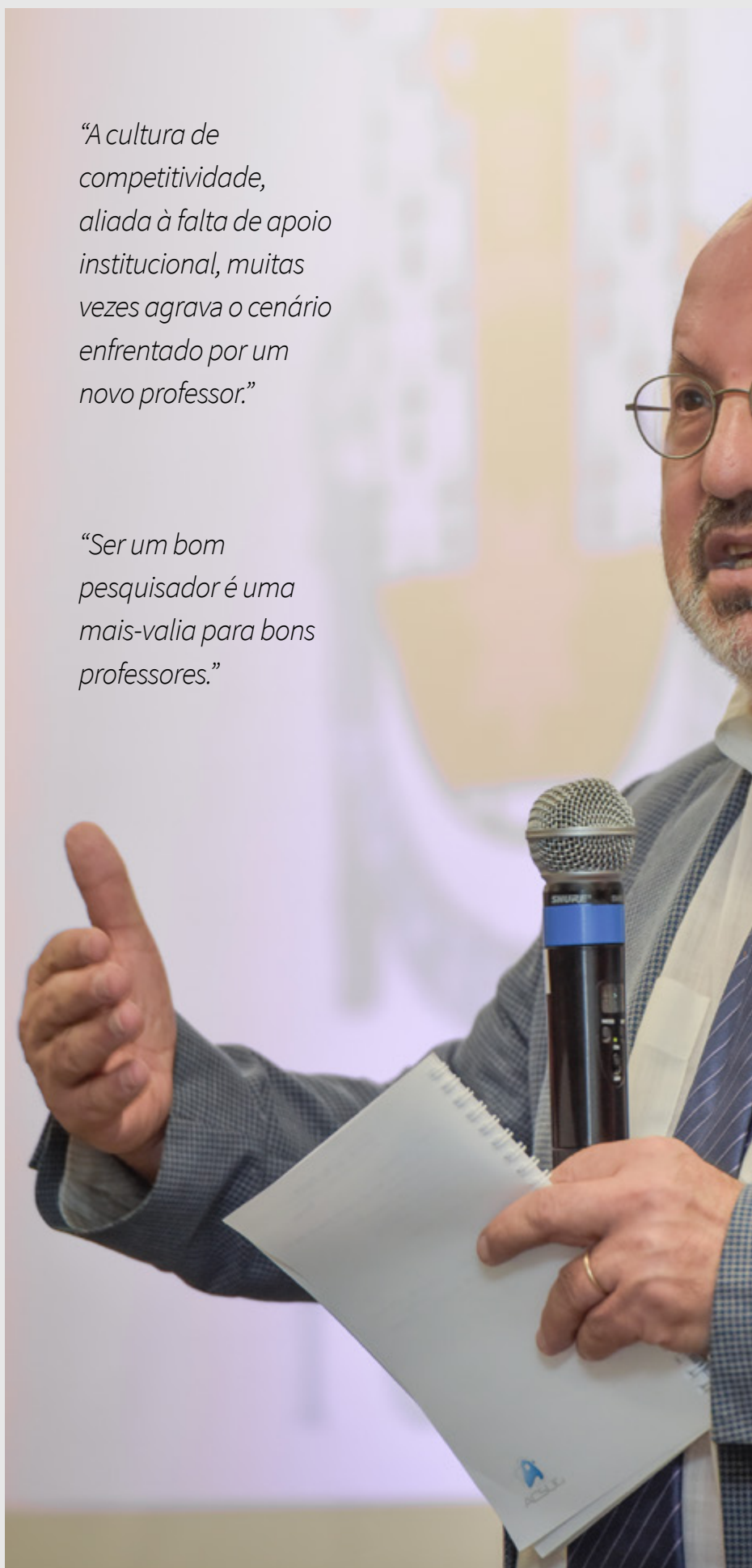
dessa abordagem na docência, que passa a ficar à margem nas prioridades dos professores. O que é exigido deles e pelo que são valorizados é sua produção visível. Obviamente, para isso eles dedicam seus melhores esforços.

Qual o perfil do professor frente a um cenário com tantos dilemas e nenhuma certeza?

Nada do que foi dito antes deve ser interpretado como uma tentativa de diminuir o papel da pesquisa na identidade profissional dos professores. Ser um bom pesquisador é mais um valor para bons professores. Sua maneira de ensinar e dominar o conteúdo pode melhorar muito se ele também for um bom pesquisador. Se partirmos dessa ideia, pesquisar não é o mesmo que ensinar. Mas, as competências para investigar podem melhorar as habilidades de ensino dos professores. Ensinar é, de fato, algo diferente. Requer competências como planejar um ciclo de formação, saber motivar e envolver os alunos, explicar de forma clara e utilizar métodos didáticos eficazes. Além disso, realizar uma boa avaliação, monitorar o processo da aprendizagem e manter uma relação cordial e de apoio com os alunos. Isso extrapola a competência de pesquisador, seja qual for o campo científico investigado. Portanto, o que devemos fazer é enfatizar a importância de resgatar e valorizar as competências próprias de ensinar e que visam melhorar a aprendizagem dos alunos.

“A cultura de competitividade, aliada à falta de apoio institucional, muitas vezes agrava o cenário enfrentado por um novo professor.”

“Ser um bom pesquisador é uma mais-valia para bons professores.”





Como atender às necessidades e expectativas de jovens professores que ingressam nas universidades num contexto de competitividade e aceleração constante? Como promover o engajamento?

Essa cultura de competitividade, aliada à falta de apoio institucional, muitas vezes agrava o cenário enfrentado por um novo professor. Se um docente ingressar com seus vinte e ou trinta e poucos anos, terá que administrar contextos muito diferentes e exigentes. O familiar (tanto seus pais e, especialmente, no que diz respeito à sua própria família, se tem filhos pequenos); o acadêmico (com exigências múltiplas e imediatas: fazer o mestrado e o doutorado, defender a tese, submeter as primeiras publicações e aparecer no elenco de pesquisadores, ministrar muitas horas de aula em disciplinas complicadas); e o contexto de desenvolvimento científico e pessoal (com a obrigação de melhorar o seu domínio sobre as disciplinas lecionadas, para continuar se aprimorando como docente, adaptando-se melhor ao seu grupo de alunos e aos seus colegas). Não é um momento fácil. As instituições universitárias deveriam prestar atenção especial nos professores novatos e tratá-los com grande cuidado. Eles serão o futuro daquela

universidade. Portanto, deveria considerá-los parte fundamental de seu desenvolvimento no médio prazo, criando estratégias institucionais para convertê-los em massa crítica, recurso básico para o cumprimento de sua missão.

O senhor tem desenvolvido trabalhos nesse campo na América Latina, correto?

Atualmente, estou trabalhando com a Universidade Nacional Autónoma de Honduras elaborando um Plano de Formação de Professores. Começamos a partir de uma abordagem semelhante à que acabei de mencionar. No primeiro ano de docência dos novos professores, a universidade não faz exigências, mas tenta criar um clima amistoso para que todos se sintam à vontade, criem laços entre si, conheçam a instituição e outros colegas. Adaptam-se pouco a pouco. Eles têm que ensinar, é claro, mas fazem isso com a ajuda de mentores, que são professores experientes. É um ano para sentirem os fundamentos da futura profissão com alegria e desfrutando do privilégio de ingressar na carreira docente. Nos quatro anos seguintes, terão a oportunidade de adquirir as competências e ferramentas de ensino e pesquisa que marcarão seu desenvolvimento e o da universidade.

** Performatividade, para o sociólogo britânico Stephen Ball, é vista como tecnologia, cultura e modo de regulação. Já performance ele entende como medida de produtividade e desempenho.*

DE TRAINEE A CONTRATADA DA MICROSOFT

Aluna de Ciência da Computação, Barbara Kudiess tem emprego garantido depois da formatura

Enquanto assistia de casa à Apple Worldwide Developers Conference (WWDC), conferência anual voltada a desenvolvedores, Barbara Kudiess pensava que um dia gostaria de estar lá. Isso foi em 2014, ano em que ingressou na PUCRS no curso de Engenharia da Computação. Na época, nem imaginava que nos dois anos seguintes teria a oportunidade de ver presencialmente, na Califórnia (EUA), os anúncios das novidades da Apple na WWDC.

A oportunidade surgiu ao participar do então Brazilian Education Program for iOS Development (BEPID),

hoje Apple Developer Academy, de capacitação para o desenvolvimento de aplicativos para dispositivos da marca. O programa é gratuito, aberto para acadêmicos de qualquer curso e tem uma carga horária de 20 horas semanais durante dois anos. Nesse período, Barbara – que após dois anos de graduação migrou para o curso de Ciência da Computação – aprendeu a lógica de programação para crianças e participou da construção de dois aplicativos. Seu desempenho rendeu viagem para as conferências de 2015 e 2016.

A experiência e o conhecimento

adquiridos tornaram seu currículo interessante a ponto de conquistar uma vaga de trainee na Microsoft, em Redmond (EUA). “No início de 2017, um diplomado PUCRS que hoje trabalha na Microsoft visitou a Escola Politécnica para uma palestra. Ele falou sobre o processo seletivo de estágio e, ao final, entreguei meu currículo”, conta. Barbara foi chamada para uma conversa via Skype e, na fase seguinte, foi a São Paulo para uma entrevista na sede da empresa. “Talvez só tenha sido chamada para trainee da Microsoft por ter essa vivência prévia com aplicativos”, avalia.

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



Aos 22 anos, ela trabalhou no projeto do novo design da Microsoft



Estudante compartilhou a experiência com colegas de diversos países

BASTIDORES DO WINDOWS

Barbara integrou o time do Windows de dezembro de 2017 a março de 2018. Trabalhou no grupo Windows e Devices, dentro da equipe User Experience Platform, implementando o novo design da Microsoft, chamado Fluent Design System. “Minha tarefa foi criar um novo controle XAML para aplicativos UWP. Criei um protótipo do controle e desenvolvi o projeto a partir do zero. Aprendi sobre o processo de desenvolvimento e ferramentas (design, codificação, teste, depuração).

Desde o início, sentiu-se parte da equipe e foi tratada como uma funcionária. Com isso, ganhou liberdade e muitas responsabilidades. “Não havia um horário específico de trabalho, o importante era as atividades serem realizadas. Além disso, tive que aprender muito e resolver problemas. ‘Estão todos trabalhando, cada vez que interrompo alguém com perguntas tiro o

tempo dessa pessoa’, pensava. Tomei muitas decisões sozinha, como dar nome aos métodos de cada comando usado por desenvolvedores de aplicativos”, lembra.

RESPONSABILIDADES

A jovem de 22 anos chegou à sede da empresa no início de dezembro e logo grande parte da equipe saiu de férias para as festas de final de ano. Então, correu atrás para se contextualizar e foi autodidata em muitas situações. “Caí em um time com um código já existente enorme. Tive que me inteirar e entender o que acontecia para usá-los nas minhas criações. Desenvolvi o que podia enquanto o pessoal não retornava. Fiz um protótipo para apresentar e, após feedback, fiz os ajustes necessários”, conta.

Interagiu com pessoas de diversos países, como Egito, França e Argentina, o que, garante, ampliou seus horizontes. Ainda, teve a oportunidade de ver na prática, em uma

empresa conhecida mundialmente, tudo o que aprendeu na graduação. “Foi uma experiência incrível. E o melhor, recebi proposta para trabalhar lá após me formar”, celebra. Em fevereiro de 2019, Barbara faz as malas com destino a Vancouver (Canadá), onde atuará até sair seu visto de trabalho para os EUA.

Essa foi a primeira vez que morou sozinha. Precisava ir ao mercado, limpar a casa e andar de ônibus, já que não tinha carro. Com isso, sentiu-se mais preparada para sair de casa no próximo ano. “O período de trainee também me ajudou a ver como é trabalhar na empresa. Quando for efetivada, já saberei como funciona, mesmo sendo em outra cidade”, diz. Embora com o inglês fluente, o maior desafio foi formular o pensamento e expor suas ideias em outra língua. “Às vezes a conversa ficava rápida e eu tinha que acelerar o raciocínio, mas é tudo uma questão de costume”, complementa.

ACESSO À CIDADANIA

Aplicativo voltado a mulheres quilombolas divulga políticas sociais e direitos

POR ANA PAULA ACAUAN

Sônia Xavier, 73 anos, nasceu na área onde hoje é o Quilombo Areal da Baronesa, no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre. A avó se refugiou no local, vinda de Encruzilhada do Sul. Cresceu vendo a mãe e as irmãs lavando roupa no Guaíba. Com o ferro em brasa, passavam e engomavam camisas para os clientes

recém-chegados de navio. Era outro cenário, quando o leito do rio ia até perto de casa. “Mudou uma barbaridade! Sinto falta das árvores. A roupa quarava lá no fundão, onde havia as taquareiras”, conta. Sônia participa do carnaval desde sempre, de grupo de teatro e oficinas diversas. Transforma produtos recicláveis em bonecas de

pano, colares, bolsas e até participou da Bienal do Mercosul expondo quadros. Não está familiarizada com o celular como os jovens de sua comunidade, mas gosta de ouvir a filha Fabiane lendo sobre a história de sua gente, datas importantes para o movimento negro e serviços disponíveis aos quilombolas.

FOTOS: CAMILA CUNHA



Fabiane (E) e Sônia: de volta às raízes com ajuda da tecnologia

O que são os quilombolas

Comunidades quilombolas são grupos com trajetória histórica própria cuja origem se refere a diferentes situações, a exemplo de doações de terras realizadas a partir da desagregação de monoculturas; compra de terras pelos próprios sujeitos, com o fim do sistema escravista; terras obtidas em troca da prestação de serviços; ou áreas ocupadas no processo de resistência ao sistema escravista. Até março de 2013, a Fundação Cultural Palmares certificou 2.040 comunidades quilombolas, presentes nas cinco regiões do País.

FONTE: SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL

Essas informações constam de um aplicativo que resulta de um projeto conjunto entre as Escolas de Humanidades e Politécnica. A ferramenta está em fase de testes por líderes dos grupos que são alvo da iniciativa. “É uma ideia legal, sugeri coisas para incluir. Trará muitos benefícios para a comunidade”, destaca Fabiane, secretária da Associação Comunitária Quilombo do Areal.

A pesquisa interdisciplinar identifica as demandas das mulheres quilombolas e o acesso às políticas públicas previstas no Programa Brasil Quilombola, implementado em 2004 pelo governo federal. Envolve alunos, professores e profissionais de Serviço Social, Engenharia de Computação e Sistemas de Informação. Conta com apoio do CNPq, da Fapergs e do edital Praias – Programa de Integração entre as Áreas da PUCRS. “É um projeto inovador e pioneiro no Estado. Com o aplicativo, queremos que as comunidades tenham maior controle e participa-

ção na busca por seus direitos de cidadania”, destaca a coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Violência, do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Patrícia Krieger Grossi, uma das responsáveis pelo estudo.

AMPLIAR O PROJETO

Na visão da professora Ana Paula Terra Bacelo, coordenadora do Bacharelado em Engenharia de Software, da Escola Politécnica, esse é um primeiro passo. “O apli-

cativo está mais informativo do que interativo. Gostaríamos que, por meio dele, as comunidades se conhecessem, se reconhecessem.” Uma das ideias é criar redes divididas por faixas etárias, possibilitando trocas de informações entre os quilombos.

Outra questão é que as áreas do interior do Estado em geral não têm conexão com a web e há poucos telecentros. “A ferramenta pode ser um argumento para gerar a demanda e requisitar internet via rádio”, aponta o aluno Thiago Gomes, do curso de Sistemas de Informação.

O aplicativo-piloto foi apresentado para o Grupo de Ações Afirmativas para Afrodescendentes e o Instituto de Assessoria a Comunidades Remanescentes de Quilombos, que apoiam a pesquisa. O grupo da PUCRS também fez parte do Encontro Estadual Quilombola, em setembro, e integrará a programação do Seminário dos Povos Pretos do Sul, em novembro, na Casa de Cultura Mario Quintana.

Situação dos quilombos

75%
das comunidades
vivem em situação
de pobreza,
enquanto a média
nacional é de
8,5%

(Ministério do
Desenvolvimento Social)

76%
não dispõem de coleta de esgoto,
63%
vivem em casas com piso de terra batida,
62%
não têm acesso à água encanada e
24%

não sabem ler nem escrever
(Fundação Palmares)



Quilombo em São Lourenço do Sul

Isolamento e falta de acesso a políticas

Um morador de Fazenda Cachoeira, em Piratini, a 345 quilômetros de Porto Alegre, relatou o que mais sente falta.

– Precisamos de uma junta de bois pra arar a terra.

A assistente social Simone Oliveira, que faz estágio pós-doutoral na PUCRS e percorre quilombos pelo Estado, ouviu espantada a frase. “Eles se acostumaram a essa realidade por não terem oportunidade de aprender nada diferente”, interpreta. O mestrando em Serviço Social João Vítor Bitencourt conta que outra necessidade expressada pelos moradores foi dez metros de cerca para que as ovelhas fiquem juntas e não morram de frio.

Com sete famílias, quase todas sem alfabetização, Fazenda Cachoeira não tem água potável e fica a 30 quilômetros da cidade. Lá não se chega de carro. Dos 130 hectares iniciais, permaneceram com 20 e arrendam grande parte da terra. “Vendo de perto, a gente compreende por que eles acabam vendendo as áreas. Não é por falta de valorização do seu passado, mas por não conseguirem subsistência”, analisa Simone.

O local foi um dos 47 quilombos visitados no Estado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Violência. No total, há 118 áreas reconhecidas no RS, das quais só quatro possuem titulação. O objetivo é mapear a realidade e provocar nas pessoas a consciência social em busca de seus direitos. O projeto começou em 2015. “Não temos informações no Rio Grande do Sul sobre os quilombolas. A partir de 2019, o IBGE vai incluí-los no levantamento da população brasileira”, destaca Patrícia Grossi.

Uma das conclusões preliminares da pesquisa é que 80% dos moradores têm ensino fundamental incompleto. Há um grande número de analfabetos. Em Rincão dos Martimianos, um dos quatro regularizados, em Restinga Seca, é o contrário: vários concluíram o ensino superior. Historiadores, sociólogos e enfermeiros fazem questão de atender as suas comunidades, ainda que atuem fora. Conseguiram um posto de saúde, com médico e agente, e participam dos conselhos de Saúde, Educação e do Idoso.

Mas essa não é a situação da maioria. Em geral, não há pavimentação nem transporte público. É um custo buscar assistência em saúde. “Em alguns territórios restam apenas cinco famílias. Sem infraestrutura, as outras os abandonaram. Daí os serviços não chegam porque alegam que é pouca gente para atender”, comenta Patrícia. Isso sem falar nas ameaças dos grileiros, que forjam documentos para se apossarem das áreas.

Os municípios recebem um aporte federal para repassarem a comunidades quilombolas reconhecidas. Em Canguçu, as assistentes sociais informaram sobre o recurso ao Conselho de Etnias, que então passou a cobrar da Secretaria da Saúde.

O estudo resultará em um livro, com a participação de líderes quilombolas, e uma cartilha. Em parceria com a Universidade de York, Canadá, contou com financiamento de um programa de internacionalização do país. A professora Simone Bohn, que coordena o Brazilian Studies Seminar, colabora com a análise dos dados.

Seis gerações no Areal da Baronesa

A telefonista Fabiane Xavier mora numa parte da casa que pertencia à Baronesa do Gravataí, que doou a área para seus escravos. Sua família reside no local há seis gerações. Estudante de Serviço Social na Ulbra, está apaixonada pelo curso. “Concluí o ensino médio nos anos 1990, casei e tive filhos. Agora resolvi voltar porque a comunidade pode acessar políticas públicas e, se não existirem, é preciso ter alguém que as impulse”, salienta.

O quilombo, localizado entre a Cidade Baixa e o Menino Deus, fica perto de escolas, creches e serviços de saúde. Com 87 famílias, tem cinco moradores cursando o ensino superior. “Depois de a gente entender nossa identidade e trabalhar a imagem negativa, passamos a ser respeitados no bairro”, constata Fabiane. Até o final do ano, esperam a titulação da área.



Fabiane (D): na luta pelos direitos da sua comunidade



Thiago se sensibilizou com a causa

“Projeto ampliou minha visão”

Thiago Gomes estuda Sistemas de Informação e se interessou pelo projeto, pois a maioria dos trabalhos da sua área envolve a indústria. “É comovente. A última vez que a gente se reuniu com as comunidades, me cercaram e falaram: ‘Olha, é maravilhosa essa proposta, mas a gente precisa de tudo’. Como têm necessidades básicas, não vamos resolver com um aplicativo. Nosso desafio é fazer a interação. Tentamos entrar no cotidiano delas e pensar numa solução de impacto”, relata. Acredita que não adianta colocar todo o conteúdo e não entenderem como funciona nem usarem suas funcionalidades. Thiago quer continuar nessa linha. “Na minha profissão podemos fazer isso ou um caça-níquel, por exemplo. Ampliou bastante minha visão.”

“A gente não quer voltar pra casa”

Aluna de Serviço Social e bolsista de iniciação científica, Cássia Maia visitou a Comunidade de Palmas, em Bagé, e ficou impactada. “A gente não quer voltar pra casa. Coisas vão te alimentando. É muita luta e eles têm força de continuar.”

Quanto à parceria com a Politécnica, conta que no início eles tinham um papel operacional e o grupo do Serviço Social buscava os dados. “Fomos nos aproximando e aos poucos se efetivou o nosso desejo de que eles participassem mais junto às comunidades e a gente conhecesse a parte técnica.” A estudante destaca também o quanto se mobilizaram com o projeto. “Está sendo uma experiência bem rica que se reflete no produto final”, analisa.



Cássia está mobilizada no projeto

PRÓXIMOS DOS FUTUROS PAIS DE CORACÃO

Alunos criam aplicativo para aproximar crianças em adoção

POR EDUARDO BORBA

FOTO: CAMILA CUNHA



Equipe de Agência Experimental de Engenharia de Software criou o app

Imagine uma ecografia na qual é possível ver o rosto do seu filho com total nitidez, ouvir a voz e assistir a um vídeo no qual ele fala sobre si. Imaginou? Essa tecnologia existe e está na palma da mão de milhares de futuros pais e mães que integram o Cadastro Nacional de Adoção

(CNA). A inovação foi possível por meio de um aplicativo para smartphones desenvolvido na PUCRS.

Professores e estudantes se engajaram para garantir que crianças e adolescentes, residentes em abrigos e casas de passagem, encontrem um lar definitivo e o carinho de quem

anseia por tornar real o sonho da maternidade e da paternidade. O nome do app, que incentiva pessoas habilitadas a conhecerem perfis alternativos aos mais procurados para adoção – de zero a três anos –, não poderia ser mais apropriado: *Deixa o amor te surpreender.*

A criação do aplicativo foi ideia do analista de sistemas Nilson Ayala Queiroz, 57 anos. Ele e a esposa, a arquiteta Karine, 41, são pais adotivos, ou pais de coração, como preferem, de dois meninos: Iuri, 12 anos, e Wesley, 9. Após diversas tentativas de gerar um bebê, por mais de dez anos, o casal ingressou no CNA à espera de um filho de zero a dois anos.

Ao realizar um trabalho voluntário na reforma de um abrigo, em Porto Alegre, Karine conheceu os garotos, à época com quatro e sete anos. Apaixonou-se de imediato, assim como o marido. Desde então, Ayala criou o projeto *Pais de Coração*, título de um livro seu e de uma página no Facebook que estimula a adoção de crianças maiores de sete anos e de adolescentes. A iniciativa inspirou a criação do app, lançado em agosto, em Porto Alegre.

PROPOSTA ACOLHIDA

Determinado a pôr sua ideia em prática, Ayala foi auxiliado pela promotora de Justiça da Infância e da Ju-

ventude do Ministério Público do RS, Cinara Braga. Ela indicou a professora Soraia Musse, da Escola Politécnica, que encaminhou o projeto à Agência Experimental de Engenharia de Software e à Apple Developer Academy, sediada no Tecnopuc.

O projeto passou ser coordenado pelo professor Eduardo Arruda, em parceria com o ambiente de pesquisas da empresa norte-americana. “O aplicativo foi realizado por alunos do curso de bacharelado em Engenharia de Software, ao longo de 2017. Na Agência, eles têm contato com clientes e problemas reais e criam soluções”, ressalta Arruda.

Um dos integrantes do time foi Israel Deorce Junior, 25 anos, estudante do 6º semestre. Ele participou do desenvolvimento para a plataforma Android, auxiliou no gerenciamento da equipe, banco de dados e levantamento de requisitos. Além de ter um amigo adotado que ganhou uma nova família ainda bebê, o depoimento de Ayala, idealizador do app,

foi fundamental no comprometimento de Israel e dos colegas.

ENGAJAMENTO

“O forte apelo social e humano foi um motivador e despertou um sentimento de dever: ‘preciso concluir o trabalho bem para as crianças encontrarem um lar!’”, destaca o aluno, que já participou de ações sociais, como ensinar idosos a usarem computador. “Somos privilegiados pelo conhecimento e habilidades que temos. Meu dever é contribuir com pelo menos um pouco disso em prol da sociedade”, reflete.

Na elaboração do aplicativo, o professor Arruda testemunhou um engajamento dos alunos sem precedentes. “Pela primeira vez, em quase 25 anos de magistério na PUCRS, observei a emoção real sentida ao perceberem o impacto do que estavam fazendo e o quanto aquilo poderia representar para crianças, adolescentes e pais de coração”, expressa o docente.

Cenário da adoção

NO BRASIL*

44.176
pessoas habilitadas no
Cadastro Nacional de Adoção
9.035
crianças e jovens
aguardam por adoção
68,37%
têm sete anos ou mais
8
anos é o tempo de fila
previsto para uma criança
de zero a três anos

NO RS

5.636
adultos habilitados
636
crianças e jovens
aguardam por adoção

Informações sobre como adotar uma criança ou adolescente estão disponíveis na Vara da Infância mais próxima.

** Dados de setembro/2018. Fonte: TJ-RS*

Acesso ao app

O aplicativo *Deixa o amor te surpreender* está na Apple Store e na Google Play. As informações, as fotos e os vídeos das crianças e jovens podem ser acessados por adultos de todo o Brasil que estejam habilitados à adoção no CNA.

Ação integrada com a Justiça

No desenvolvimento do aplicativo, houve a troca de informações com magistrados e servidores da infância e juventude, da comunicação e da informática do Tribunal de Justiça (TJ) do RS. No final de 2017, a PUCRS entregou a versão inicial. No primeiro semestre deste ano, as áreas de informática e de imprensa do TJ realizaram adaptações, integrações da ferramenta, filmarkens, fotos e a identidade visual do app.

O Ministério Público Estadual, que acompanha o processo desde início, fiscaliza as ações dos usuários no acesso à ferramenta e contribui com conteúdo informativo. “Com a participação da academia,

a partir da manifestação voluntária da professora Soraia, conseguimos usar o conhecimento da universidade para uma atividade prática. Sou muito grata à PUCRS por ter abraçado o projeto”, enaltece a promotora Cinara Braga, principal articuladora entre os agentes que viabilizaram o aplicativo.

PRIMEIROS RESULTADOS

Dados do TJ-RS mostram que até setembro houve 4.300 downloads. Os primeiros resultados apontam 39 manifestações de interesse em adoção (especialmente para meninas de 12 a 14 anos), sendo que 11 evoluíram para aproximação. Entre

FOTO: PG ALVES/MPRS



Promotora Cinara Braga do MP-RS

os perfis, há muitas duplas e grupos de irmãos e adolescentes. “Dentro do CNA, quem tem acesso via aplicativo não viu essas crianças antes,

FOTO: CAMILA CUNHA



Clarice e Fernando: contato com as crianças derrubou mitos

Da idealização ao amor real

Administradora Clarice Londero, 39 anos, e o advogado Fernando Arndt, 41, planejavam ter filhos. A primeira gestação não evoluiu. Antes da segunda, também interrompida, iniciaram, em 2015, o processo para se habilitarem à adoção. O perfil: ambos os sexos, sem distinção de cor, saudável e de zero a quatro anos. Em 2017, uma iniciativa mudaria a história do casal. Participaram, a convite do Juizado da Infância e Juventude, do evento Missão Diversão, de brincadeiras e interação promovidas por alunos do Colégio

pois elas não integravam os seus perfis escolhidos. O app apresenta possibilidades diferentes das pretendidas”, destaca a juíza-corregedora Nara Saraiva, responsável pela Coordenadoria da Infância e da Juventude do TJ-RS.

Com a nova solução, o processo de adoção, do início à obtenção da guarda provisória, pode ser concluído em 45 dias. Mas a juíza ressalva que é preciso conduzir tudo de forma cautelosa e consciente. “Temos a tarefa de evitar devoluções e trabalhar a pós-adoção, dando respaldo aos adotantes. A sentença deve evoluir para algo positivo no final”, analisa Nara.



Nilson, Karine, Wesley e Luri (D): família inspirou a criação do app

Mobilização para aproximar

Um livrinho caseiro, quase um diário. Esse foi o embrião do aplicativo Adoção. “Eu escrevia para o Luri e o Wesley, registrando nossos momentos em família”, recorda Nilson Ayala Queiroz. Os amigos, sensibilizados com a história do casal, estimularam a publicação do conteúdo, para partilhar com outras pessoas a importância de conhecer crianças maiores que também desejam um lar. Então, o livro se tornou uma causa. Toda a renda da obra, lançada em 2016, é revertida para abrigos infanto-juvenis.

O pai escritor diz que três pontos impulsionaram o surgimento do app. O primeiro foi a decepção com a frieza do cadastro preenchido no Foro Central. Depois, a experiência de ir conhecer seus filhos. “As fichas com dados não traduzem a emoção que sentimos ao vê-los. Questionava como a tecnologia poderia aproximar crianças para adoção e seus pais? Não existia nada”, lembra. Por fim, conta que, ao buscar seus garotos no abrigo, viu a tristeza nos olhos de um adolescente quando ele percebeu que, novamente, continuaria ali. “Aquilo mexeu demais comigo”, emociona-se.

Ayala credita algumas resistências e preconceitos à falta de informação. “Muitos não se preparam, não conhecem o que é adoção. É preciso respeitar o desejo das pessoas por terem filhos menores, mas também informar a existência dos maiores”, pondera, recomendando literatura especializada, como a da autora e pesquisadora Lidia Weber.

Sobre o Projeto Pais de Coração, Ayala afirma que “o principal objetivo é ajudar a inspirar, a qualificar e acelerar as adoções. O livro é um instrumento de inspiração. O aplicativo é de aceleração”.

Farroupilha para aproximar crianças e adolescentes de abrigos de habilitados à adoção.

Eles se voluntariaram a auxiliar nas filmagens dos pequenos e dos jovens que hoje estão no aplicativo. E foi ali que o amor os surpreendeu. Conheceram duas irmãs pelas quais se encantaram. O casal correu para atualizar o perfil (as garotas têm 7 e 11 anos). No final de julho, conquistaram a guarda provisória das filhotas. “A vida mudou para melhor. Papai e mamãe são palavras macias aos nossos ouvidos”, conta Clarice.

MAIS DE 70 ANOS DE CAMINHADA MARISTA

FOTO: BRUNO TODESCHINI



Ir. Jacob Kuhn foi um dos mentores do Museu de Ciência, prefeito universitário e atuou no Alto Solimões

Ele foi prefeito universitário, iniciou o serviço de vigilância na PUCRS, criou a numeração dos prédios e projetou a construção do prédio 20. Atuou por 20 anos na Amazônia, onde estimulou o plantio de hortaliças no Campus Avançado Alto Solimões. Lecionou no curso de História Natural da Universidade, destinando espaço para coleções de zoologia, botânica

e anatomia, que mais adiante deram início ao Museu de Ciências. Possibilitou o contato entre dois ex-alunos seus que trabalhavam na Stihl e o fundador e então diretor do Museu de Ciências e Tecnologia (MCT) para que a empresa apoiasse a construção do Pró-Mata. Foi professor nos Colégios Maristas Champagnat e Rosário e em escolas de São Gabriel, Lajeado e Ere-

chim. Ir. Jacob Ignácio Kuhn completou 95 anos em 18 de setembro, tem 72 anos de caminhada marista e 80 de vida religiosa.

Caçula entre 12 irmãos, nasceu no interior de Santa Cruz, na colônia Dona Josefa. Aos 15 anos, ingressou no juvenato, iniciando sua formação religiosa. No início da década de 1950, após lecionar em escola do interior, mudou-se para Porto Alegre e começou sua graduação em História Natural. “De manhã eu dava aula no Rosário e de tarde estudava. Antes mesmo de me formar, me tornei monitor de turma e, com o diploma, passei a professor assistente de mineralogia e cristalografia no mesmo curso e na Química”, lembra.

Neto de imigrante alemão, cresceu falando um dialeto da Renânia e aprendeu o idioma oficial na escola. Em 1963 morou meio ano na Alemanha como aluno estrangeiro nas universidades de Colônia e Bonn. “Passei pelo controle do Muro de Berlim e visitei as duas Alemanhas, a Oriental e a Ocidental. Lembro que como estudantes de uma excursão tivemos a oportunidade de fazer três perguntas a um oficial. Questionei por que em todos os países o difícil era entrar e na DDR o difícil era sair”, conta.

PREFEITO UNIVERSITÁRIO

Entre 1976 e 1978, Ir. Jacob foi prefeito universitário. Como uma de suas primeiras ações, formou um conselho efetivo e que “trabalhou bastante”, ocupando inicialmente um pequeno espaço no prédio 6. Projetou a construção do prédio 20 para abrigar a en-

tão Prefeitura Universitária. Também se preocupou com a segurança de todos e criou o serviço de vigilância. “Fiz contrato de um ano com uma empresa e neste período montamos uma equipe própria. Compramos uniformes, selecionamos, contratamos e treinamos profissionais”, recorda.

A numeração dos prédios da PUCRS também é obra do Ir. Jacob. “Foi consenso que o prédio 1 fosse a Reitoria. A partir dela, fiz como se estivesse lendo um livro”, explica. Na época, o prédio 2, onde hoje é a Fundação Ir. José Otão, abrigava um laboratório com computadores para uso de todos, a Economia ficava no 5 e a Engenharia no 8.

AMAZÔNIA E MUSEU

Ir. Jacob participou do projeto do Campus Avançado em Alto Rio Negro, na cidade de Uaupés, em São Gabriel da Cachoeira. “Fiquei 20 dias projetando a criação do Campus e adaptando a planta ao terreno, mas no fim acabou sendo construído no Alto Solimões, em Benjamin Constant, onde atuei de 1983 até sua extinção”, diz.

Era assessor da direção no Campus Avançado, que abrangia as áreas

de educação, saúde, alimentação, pesquisa, serviço social e comunicação. “Ajudava em tudo, especialmente nas coisas que aprendi na prefeitura. Orientava na eletricidade, hidráulica, esgoto. Comecei uma plantação de agrião e levei sementes de hortaliças, estimulando a venda nos armazéns. A partir de então, nunca mais tiveram problemas de plantação de legumes e verduras”, orgulha-se. Depois de concluir suas atividades no Alto Solimões, trabalhou como missionário em Atalaia do Norte e Ji-Paraná.

Discípulo do professor Manoel Parreira (vice-Reitor da PUCRS no primeiro mandato do Ir. José Otão como reitor), Ir. Jacob estudava a área de mineralogia e junto ao professor Jeter Bertoletti (fundador do MCT), deu origem ao Museu de Ciências, que começou em uma sala no prédio 10. “Criei espaço e consegui acumular material significativo para as coleções que resultaram na criação do museu enquanto eu estava no Alto Solimões”, conta. Ir. Jacob dedica-se ao estudo da cristalografia desde 2004, quando encerrou suas atividades na Amazônia. Gosta de jogar Sudoku e fazer palavras cruzadas.

Curiosidades

Com tantos anos de PUCRS, Ir. Jacob é a memória viva da Universidade e revela algumas curiosidades. “Antigamente no prédio do RU havia quartos para internos. Eram 56 acadêmicos que moravam no Campus. A Odontologia (prédio 6) foi o primeiro prédio construído e ocupado no Campus atual. A linha de ônibus passava aqui por dentro, com fim da linha em frente ao 8. E antes de a PUCRS comprar o espaço onde hoje funciona o estacionamento atrás do prédio 41, ali era uma plantação”, recorda.

PH.D. NA PUCRS E NA UNIVERSIDADE DE GRONINGEN

Na Holanda, Paula Feltes conquista primeira dupla titulação do Pós em Gerontologia Biomédica

Desde pequena Paula Kopschiana Feltes costumava dizer que queria ser Ph.D. antes de chegar aos 30. Em julho de 2018, aos 29 anos, defendeu o doutorado em cotutela na University Medical Center Groningen, Holanda, e recebeu o sonhado título em cerimônia solene. Formada em Farmácia pela PUCRS em 2011, representa a primeira dupla diplomação

do Programa de Pós-Graduação de Gerontologia Biomédica em uma universidade estrangeira e inicia carreira no exterior.

Em quatro anos, realizou dois cursos completos de doutoramento. Por dois anos e meio, conduziu experimentos na Universidade de Groningen, conhecida por formar pesquisadores independentes. O restante do tempo cursou na PUCRS. Com a tese *The two sides of the coin of psychosocial stress: evaluation by positron emission tomography*, verificou a associação entre estresse psicossocial, neuroinflamação, metabolismo cerebral e comportamento depressivo. A oportunidade surgiu com o programa de colaboração internacional Abel Tasman Talent Program Scholarship.

Para obter o grau de Ph.D. na Holanda, os requerimentos são rigorosos: quatro projetos experimentais, sendo dois publicados em revistas internacionais de destaque na área. “Fui a primeira dupla titulação no Departamento de Medicina Nuclear da University Medical Center Groningen. Creio que abri portas e enfrentei obs-

táculos que irão favorecer os próximos alunos que seguirem o mesmo trajeto. Espero ter contribuído tanto para o departamento na Holanda quanto para a Gerontologia Biomédica da PUCRS”, avalia.

CARREIRA INTERNACIONAL

Paula foi contratada e atua como gerente de projetos clínicos no mesmo departamento em que realizou o doutorado na Holanda. Coordena estudos acadêmicos e clínicos para indústrias farmacêuticas que desejam testar novos medicamentos/radiofármacos. “Serei o ponto de contato entre os pesquisadores, assegurando requisitos de qualidade mínimos e otimização no gerenciamento dos dados”, conta. Além disso, presta assistência a pesquisadores e supervisão de alunos.

Sua trajetória profissional não foi linear. No terceiro semestre da graduação, atuou como bolsista de iniciação científica. “Foi meu primeiro contato com a radiofarmácia. Sou muito grata às experiências geradas na PUCRS, que sempre se diferenciou



A graduação em Farmácia em 2011



Sonho realizado: com o diploma na instituição holandesa

pela infraestrutura, empreendedorismo, qualidade de ensino e dedicação à pesquisa.”

Trabalhou na indústria entre 2011 e 2013, no programa de trainee do Grupo Boticário, em São José dos Pinhais, com foco na garantia e no controle de qualidade de produtos cosméticos. Foi a primeira colocada na seleção da vaga. Após esse “hiato”, retornou à carreira acadêmica, sem a pretensão de seguir docência, e sim de contribuir exclusivamente com a pesquisa. “Gosto de desenvolver novas ferramentas diagnósticas e tratamentos medicamentosos para a população. Enquanto houver oportunidades de colaborar com a sociedade e ser desafiada constantemente com novos projetos, ficarei satisfeita profissionalmente”, afirma.

Com o doutorado em cotutela no exterior, aprendeu a planejar estudos, realizar e analisar experimentos comportamentais, sínteses de radiofármacos, efetuar análises estatísticas avan-

çadas e de imagens de tomografia por emissão de pósitrons. “Foi meu período de maior crescimento profissional. Como pesquisadora independente, tive total liberdade para propor meus projetos, conduzi-los da maneira mais adequada e analisar os dados de forma autônoma. Essas atividades, combinadas ao conhecimento da indústria, tiveram grande importância para a minha atual posição”, garante.

VIDA NA HOLANDA

Antes do doutorado na Universidade de Groningen, a Holanda não representava um interesse como local de estudo, trabalho ou turismo para Paula Feltes. Ao conhecer a cidade, se apaixonou pela qualidade de vida, segurança, honestidade e lealdade das pessoas, além da cultura. A adaptação ao país foi rápida e fácil. Quanto ao idioma, compreende e lê bem. Para aprimorar a fala, faz cursos na própria instituição onde atua.

“Sair sem a constante preocupação com a segurança influenciou muito minha decisão. A parte com que nunca nos acostumamos é a distância da família e amigos. Este é um fator que nos deixa mais humildes, pois vemos que a vida de todos continua, mesmo se não estamos presentes fisicamente”, conclui.

Atualmente, a PUCRS tem 14 alunos cursando doutorado em regime de cotutela por meio de convênios com 13 universidades da França, Portugal, Espanha e Itália e as Escolas de Comunicação, Artes e Design - Famecos, Humanidades, Ciências, Direito e Politécnica. Desde 2009, oito estudantes, brasileiros e estrangeiros, conquistaram a dupla titulação. “Esse é um foco crescente de atenção da nossa instituição. A ideia é usar mecanismos do Capes/Print para favorecer mais processos dessa natureza”, explica o diretor de Pós-Graduação, Christian Kristensen.

“SEM CULTURA, A EDUCAÇÃO NÃO SE FIXA”

Grande dama do teatro, Fernanda Montenegro é Mérito Cultural da PUCRS

POR ANA PAULA ACAUAN

Parte do imaginário brasileiro, ela já foi Dora (a escritora de cartas para analfabetos em *Central do Brasil*), Dona Picucha (a velha espoleta de *Doce de Mãe*), Charlô (em uma dupla insuperável com Paulo Autran, em *Guerra dos Sexos*), Tránsito Ariza (do eterno *Amor nos Tempos do Cólera*) e tantas outras personagens em sete décadas e meia de carreira. Uma das mais prestigiadas atrizes das artes cênicas do país, Fernanda Montenegro, fez parte das comemorações dos 70 anos da PUCRS. Premiada com Emmy Internacional, indicada ao Oscar e com dezenas de outros reconhecimentos, a atriz recebeu o Mérito Cultural da

PUCRS, às vésperas de completar 89 anos. Ao comentar sobre o papel da arte em tempos turbulentos, avaliou: “Sem cultura, a educação não se fixa”.

Por telefone, ao diretor do Instituto de Cultura, Ricardo Barberena, a atriz agradeceu pela lembrança do seu nome. “Temos uma profissão, até poderia dizer sadiamente, marginal. O palco é um espaço absoluto do ser humano, para o bem e para o mal. A dra-

maturgia só existe diante da crise de uma história, da crise de uma pessoa com outra. Fico muito comovida, estou com o coração cheio de emoção.”

Na sua vinda à Universidade, compartilhou com a comunidade a leitura dramática de *Nelson Rodrigues por ele mesmo* e lançou o *Itinerário fotobiográfico*, livro pelas Edições Sesc-SP. Segundo Fernanda, o dramaturgo, apesar de ter endossado o “período militaresco do Brasil”, fez “uma obra física e carnalmente entregue à experiência do humano no que ele tem de melhor, na medida em que se autoespecula”. Alguns dias antes do evento, Fernanda concedeu entrevista à Revista PUCRS.



Qual é o seu sentimento com o Mérito Cultural da PUCRS, depois de tantas homenagens já recebidas ao longo da carreira?

Acho lindo a gente provocar grupos, presenças. Num tempo de tanto botão, só pode me fazer feliz o ser humano ainda se encontrar com o outro numa ação de um reconhecimento que me comove muito.

Qual o papel da arte em tempos tão turbulentos e instáveis?

Só existe tempo turbulento porque não tem arte. A arte sumiu. Existe o desmonte administrativo dos últimos governos. Passou a ser apenas uma distribuição de verbas dentro de uma lei. Sem cultura, a educação não se fixa. A educação é um esqueleto. O que dá a dimensão dele, a carnadura, é a cultura. Houve um desmonte. Objetivaram apenas o processo esquelético. Ao fim de cada governo, parece que ninguém fez nada antes. “Ah, no tempo daquele governo, era ótimo.” “Ah, quando tinha o outro era bom.” Por que não se acrescentou? Isso também ocorre em outras áreas. Coitado do Brasil se entra algo que não está de acordo com o poder político que acabou de acontecer. Não temos cultura. Então não somos um país. Somos o quê? Uma fronteira. A cultura popular se expressa, vem do canto, da dança de uma região, como se a outra cultura fosse impopular. Há uma desconexão completa em termos de educação e cultura. Por isso estamos nessa situação.



Atriz recebeu o troféu do reitor Ir. Evilázio Teixeira

Um fato a lamentar é a destruição do Museu Nacional.

Isso é um símbolo de uma não nação. Eu frequentei o Museu. O meu 5º ano primário foi feito dentro da porta da Quinta. Era uma herança absoluta. Veja bem, neste momento, incendiou-se. Nem incendiaram, tal a indignação, tal o abandono. Não tem volta. Podem reconstruir as paredes, buscar uma proposta dita de reconstrução, mas o que foi foi. E fomos juntos como país.

O que de melhor o público pode ler e ver no seu itinerário fotobiográfico? Qual a sua principal motivação para revisitar o seu passado em imagens?

É um fim de uma era. Falo como atriz. O ator não tem lugar na história dos homens. Somos feitos da matéria do sonho, como diz Shakespeare, embora, segundo ele, o mundo é um palco e somos todos atores. E quando falou isso tenho certeza de que avaliou a marginalidade do nosso

processo artístico, porque nós não somos uma entidade cultural, que é o autor, o cenógrafo, o diretor, o que monta o processo. Sem o bicho ator, em pé, vertical em cena, a humanidade não se faz nessa expressão. Venho de um processo de trabalho cultural, teatral em cima do ator, a partir de João Caetano, em 1830, que foi o primeiro que se propôs a dar a presença cênica do brasileiro para sua plateia. Até o momento em que fez sua companhia, com colegas brasileiros, tudo era português, na medida em que o Império fez do Rio a capital de seu poder absoluto no mundo. Isso veio até minha geração. Estamos numa época de ciência e tecnologia. Tudo é feito através de um botão, de uma música eletrônica. Eu achei esse material todo. O Sesc de São Paulo, na figura do professor Danilo Miranda, entendeu o que sobrou desses anos em cima de um palco. Busco trazer a crise dramática para a sensibilização de um espectador.

Teatro profissional volta à Universidade

A apresentação da peça *Caio do céu* marcou o retorno do teatro profissional à Universidade, que contava até o início dos anos 2000 com o projeto PUCRS em Cena. A plateia se emocionou com a encenação de Deborah Finocchiaro e Gustavo Petry, aplaudindo de pé o espetáculo no final. Na comemoração do 70º aniversário

de Caio Fernando Abreu, a obra, dirigida por Luís Artur Nunes, levou um pouco do universo do escritor gaúcho ao palco. O roteiro é recheado com seus contos, crônicas, poemas e trechos de cartas.

A peça fez parte da Semana de Letras e Escrita Criativa da Escola de Humanidades. O ingresso solidário

garantiu a arrecadação de mais de 400 quilos de alimentos não perecíveis a serem distribuídos a entidades pelo Centro de Pastoral e Solidariedade. O espetáculo foi seguido de um debate mediado pelo diretor do Instituto de Cultura, Ricardo Barberena, com especialistas e estudiosos da obra de Caio.

FOTO: CAMILA CUNHA



Apresentação da peça *Caio do céu* em homenagem aos 70 anos de Caio Fernando Abreu

Obra inspirada nos objetos de Caio F.

Ricardo Barberena organiza o livro *O que resta das coisas*, com contos inspirados nos objetos de Caio F. Abreu. Será lançado pela Editora Zouk na Feira do Livro de Porto Alegre. As relíquias do escritor estão guardadas no Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Universidade. Barberena selecionou alguns dos itens, como máquina de escrever, bandana, boina, troféu Jabuti, fitas cassete, runas, tarô, fotografias, cartas e diários, e propôs a 25 escritores que se inspirassem neles. Entre os autores estão Altair Martins, Cíntia Moscovich, Verônica Stigger, Marcelino Freire, João Anzanello Carrascoza e Ricardo Lísias.

Parceria de peso

O Instituto de Cultura e a Fundação Theatro São Pedro são parceiros na promoção de espetáculos artísticos e eventos variados, movimentando a cena cultural de Porto Alegre. Pelo intercâmbio, a partir de outubro, alunos da PUCRS poderão fazer oficinas gratuitas com artistas das Companhias Stravaganza e Incomode-Te, Coletivo Errática e Grupo Cerco, integrantes da programação do TSP que valoriza os grupos locais – Teatro Hoje.

Colegas na Escola de Humanidades, o diretor do Instituto, Ricardo Barberena, e o presidente da Fundação, Antonio Hohlfeldt, que também leciona na FAMECOS, trataram sobre a aproximação das instituições visando atrair os dois públicos para as atrações. A parceria se chama Multipalco 360°, em referência ao espaço do TSP e ao movimento PUCRS 360° de transformação da Universidade.

Na primeira atividade conjunta, a PUCRS levou ao Multipalco o documentário *Minha Avó Era Palhaço*, sobre a primeira palhaço negra do Brasil, Maria Eliza Alves dos Reis, que atuou nas décadas de 1940 a 1960. Após, houve debate com Daise Gabriel, filha da artista, e Marina Gabriel, neta e uma das diretoras do filme.

PRIMAVERA LITERÁRIA BRASILEIRA

Em outubro, será realizado o evento Primavera Literária Brasileira, com grandes nomes da poesia brasileira. Jornada, performances, debates, lei-



Primeira atividade conjunta: documentário *Minha Avó Era Palhaço*

turas, oficinas itinerantes, noitada e sessões de autógrafos ocorrerão entre os dias 19 e 22, no auditório do prédio 7. No dia 20, o evento será expandido, com oficinas no Theatro São Pedro, no Fora da Asa e na Livraria Aldeia.

Além de poetas de vários estados, participarão três convidados do exterior. No dia 22, haverá bate-papos com os escritores Alejandro Zambra (espanhol) – às 14h – e Abdellah Taïa (marroquino radicado

em Paris) – às 16h. Barberena e o escritor Reginaldo Pujol Filho coordenarão a primeira conversa. A segunda mesa terá como mediadores o professor da Sorbonne Leonardo Tonus (brasileiro que criou A Primavera Literária na Europa) e a gaúcha Natalia Polesso. A partir das 19h30 do mesmo dia, Zambra estará no Fronteiras do Pensamento ao lado do escritor espanhol Javier Cercas, no Salão de Atos da UFRGS.

As DramaturgA

Será lançada no dia 17 de novembro, na Feira do Livro, a coleção *As DramaturgA*, pela Edipucrs, com 13 volumes de 13 autoras de teatro do RS, coordenada por Hohlfeldt e organizada por Natasha Centenaro, Fernanda Moreno e Patrícia Silveira. Nos dias 17 e 18, haverá leituras dramáticas no Multipalco.

Saiba mais

Confira a programação completa do Instituto de Cultura em <http://www.pucrs.br/pucrs-cultura>.

A WORK IN PROGRESS DE 70 ANOS

Fundar uma universidade é uma ousadia? Sempre é. Especialmente quando pensamos nas circunstâncias que levaram um punhado de intelectuais gaúchos e Irmãos Maristas, de traço e figura bastante formais, de óculos, terno e batina, a inovarem ao criar uma universidade católica em meio a um mundo de embates de frentes ideológicas que viriam a criar o ambiente propício à eclosão da Segunda Guerra. Esse início não foi uma experiência paroquial: o pensamento de inspiração aristotélico-tomista, fundado no ensino tradicional da Igreja, ressurgia de modo forte na intelligentsia europeia com os convertidos franceses. Essa eclosão se espalhou pelo mundo, e o surgimento da nossa

universidade insere-se nesse novo campo de ideias. O pensamento dos instituidores era marcar sua posição católica e oferecer uma opção distinta ao ensino universitário laico que também se fundava no Rio Grande do Sul, com ele estabelecendo uma produtiva convivência.

A partir daí a Universidade Católica – depois Pontifícia – cresceu de maneira veloz, dentro do Colégio Marista Rosário e depois fora dele, recuperando o amplo terreno da chácara dos Irmãos Maristas adjacente ao colégio Champagnat. Hoje, quando vemos o prédio amarelo do colégio, com sua arquitetura conventual coroada por uma torre sineira, solitário em meio ao tempo e ao espaço, é que perce-

bemos o enorme salto desde o arrojo inicial daqueles senhores. O contraste, que sublinha esse desenvolvimento é, também, a prova do quanto sucessivos reitorados souberam inventar sem perder a identidade.

Se os edifícios high-tech, autossustentáveis e respeitadores do ambiente acabaram por dominar a paisagem, sobra a delicadeza dos lugares de pausa, verdes no verão, dourados no outono, desnudos no inverno, mas onde na primavera, justo no período em que estamos, se aninham pássaros de uma fauna alada que poderia novamente inspirar Vivaldi – ou o bandoneon de Piazzola. E, curioso, são pássaros que, com os anos, acabam por assumir a cara da Universidade, não importando

FOTOS: BRUNO TODESCHINI



se são joões-de-barro, sabiás, bem-te-vis, pica-paus; já notaram como eles se parecem conosco? Não sei... uma cara de quem estuda e reflete – segundo a lenda acadêmica ainda a ser comprovada em alguma tese – e fazem silêncio durante as aulas.

Tudo isso nos conduz à ideia de um lugar em que nos sentimos bem e tudo se integra. A PUCRS é uma cidade bem-aventurada, uma ilha de prazer estético, conhecimento e emoção, envolta por outra, que se expande de maneira descontrolada e assustadora. Universidades, no mundo todo, procuram gerar espaços aprazíveis à sua volta, e a nossa, em particular, é particularmente empenhada nisso, e as recentes decisões quanto à cultura inserem-se nessa intenção. Não é o caso de pensar nas dezenas de acepções do vocábulo cultura, que isso não tem fim; mas, no nosso caso, ela significa a aliança necessária entre o que é o atual – e, por que não, o que é a moda – e o que é permanente

A PUCRS é uma cidade bem-aventurada, uma ilha de prazer estético, conhecimento e emoção, envolta por outra, que se expande de maneira descontrolada e assustadora



LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL

Coordenador-geral do Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural

no domínio das artes. Concertos de música pop, eletrônica, de Mozart ou Satie, exposições, peças teatrais, intervenções instantâneas a quebrarem a rotina, o fato é que começa a instalar-se na PUCRS certa naturalidade no desfrute dessas manifestações, as quais sempre provocaram inveja aos nossos estudantes em estágios em universidades estrangeiras.

Como cidade, ainda, foi possível acompanhar no decorrer dos anos – no meu caso, mais de quatro décadas – uma notável e bem-vinda mutação somática e linguística de sua população, que se tornou heterogênea e multifalante; recebemos alunos de todos os horizontes do mundo, que, de modo simpático, nos ensinam sotaques, filosofias e às vezes nos intrigam

com seus hábitos gastronômicos e, em especial, nos mostram as virtudes da solidariedade. E nos perguntam muito, como, por exemplo, se o vento encanado é mesmo capaz de provocar pneumonia e morte certa em cinco dias, ou por que nos meses de janeiro ou fevereiro as pessoas ficam com uma cara de quem está à beira de derreter nas margens do Arroio Dilúvio.

Enfim, isto tudo é adorável – e, por isso, quem aqui está na PUCRS não quer sair dela. Mas para chegarmos a esse ponto, tivemos de atingir 70 anos de idade, e a tempo de agradecer àqueles senhores de gravata e colarinho eclesiástico que, talvez sem o saberem, ousavam pensar mais no futuro do que na própria época em que viviam.



ZACHARIAH HAGY/UNSPLASH

Poema sem título

Hoje pisei em um fragmento esquecido
Que ardeu como fogo ao me encontrar
Pisei no caco enquanto arrastava o sofá

Me forcei a suprimir o grito que escapava
Invadida por uma consciência quase estrangeira de
Todos os silenciosos ruídos que rosnam em uma casa meio vazia

Sem pensar, meus olhos traiçoeiros buscaram
A parede manchada de vinho barato
E a lembrança da sua risada ecoou
Senti o roçar dos seus dedos nos meus

Mesmo na ausência da taça quebrada
O odor de álcool voltou a inundar a sala
Embragando a resoluta confiança que eu finjo ter
Na mentira de que o meu mundo não mudou sem você

Selene Sodré

3º semestre de Escrita Criativa - selene.falcao@acad.pucrs.br

O suco

Acordei às 6h30. Estávamos eu e três amigos em Coimbra, Portugal. Passara o dia anterior todo lembrando do suco que tomara no café. Refrescante, diferente, absurdamente saboroso. Pena ter tomado tão pouco, mas é assim mesmo, quando se faz mochilão.

Daquela vez não seria assim. Acordei antes dos meus amigos, com um único objetivo: tomar todo aquele suco. O plano era ir até a cozinha como um ninja, enquanto todos estivessem dormindo, e secar a jarra até a última gota.

Escorreguei das cobertas como se fosse líquido e caminhei com passos que nem bem tocavam o chão. Girei a maçaneta e cruzei a grande porta como se fosse ectoplasma. Fitei o corredor por alguns instantes: não havia viva alma. Também, ninguém era louco de acordar àquela hora com aquele frio. Só eu. Louco pelo suco.

Observei a escada que teria que descer com olhos de Exterminador. Estudei as dimensões dos degraus e sua composição, a fim de pisar na superfície menos ruidosa. Passei pela vazia recepção e pelo banheiro deserto. Não precisei me esgueirar de *lasers* nem nada mas, se tivesse, estaria preparado. Cheguei na cozinha.

Lá estava ele, dentro de uma jarra tampada, dividindo seu espaço com uma rodela da fruta de onde fora espremido, seja lá qual fosse (provavelmente alguma prima da laranja. Uma prima rica. Tipo, muito mais rica).

Caminhei em sua direção. Já estava em vantagem: ninguém chegaria na cozinha a tempo de pegar a jarra e me obrigar a dividir seu conteúdo. Enchi um copo até a borda. Levei-o à boca. Os outros hóspedes (coitados) não teriam o prazer de saborear aquele suco novamente.

Tomei o primeiro gole.

Não era o mesmo suco.

Pedro Sanchez

1º semestre de Escrita Criativa -
pedromostardevosanchez@gmail.com



FOTO: LAUREN ELISABETH/SHUTTERSTOCK

Sete anos de azar

Numa cidadezinha igual a outra qualquer, todos acordavam cedo, iam para o trabalho, voltavam para suas casas e assistiam TV. Seguíam as suas vidas sem grandes acontecimentos até que, certa manhã, um fato um tanto curioso aconteceu: todos espelhos, seus amados espelhos, haviam se quebrado em mil pedaços.

— Deus do céu, quantos cacos no chão! Menino, vai colocar um chinelo ou vai se cortar!

Desolados, os moradores saíram do conforto de seus lares e foram conversar com seus vizinhos, que não viam há algum tempo.

— Seus espelhos também?

— Quebradinhos, não sobrou um.

— Até os retrovisores...

— Minha mulher está histérica, morrendo de medo.

— Não sabia que você tinha casado... Poxa, faz tanto tempo assim?

— Sim... E o seu filho, quantos anos tem agora?

— Sete.

— Nossa...

Especulações estranhas começaram a surgir.

— Será que foram vândalos?

— Não, vândalos não... Isso tem cara de que foi algo do céu.

— Não fale bobagem! Algo do céu...

— Tem explicação melhor?

Os vizinhos saíram então às ruas, olhando pra cima.

— Será?

— Mas eu não estou assustado.

— Nem eu.

— Só estou curioso, na verdade.

A cidade acabou se adaptando e, em mais uma manhã na cidade sem espelhos, os maridos acordaram cedo e retomaram suas atividades. Curiosamente, a tal cidade hoje é considerada um dos lugares mais românticos do mundo, justamente devido à ausência dos espelhos. Vez que outra ainda se ouve um marido apaixonado dizendo:

— Danem-se os espelhos... me bastam os reflexos nos teus olhos...

Definição

Sábia e tola.

Na entrega sou rasa.

Entre mantras e dores.

Minha alegria me cala.

Penso muito, sinto pouco.

Não manifesto amores.

Tenho em mim os aromas,

As lembranças, os sabores.

Fêmea ou casta,

Não defino atores.

Sei que existo, sou plena.

E o instante atordoia.

A mim bastam as palavras,

Me traduzem a alma,

Hipnotizam a mente.

E no fogo meu corpo.

Definições e estigmas,

Eu permito ao instante.

O que guardo em mim mesma,

São alguns dissabores.

Nina Rosa Guimarães

4º semestre de Escrita Criativa - nina.guimaraes@acad.pucrs.br

Eleonora Coragem

2º semestre de Escrita Criativa -
ecoragem@outlook.com

Produção experimental dos alunos do curso de Escrita Criativa da PUCRS
selecionada pelo professor Bernardo Bueno.

DIREITOS HUMANOS DECLARADOS

Declaração Universal dos Direitos Humanos completa 70 anos

TEXTO: LEONARDO RADAELLI / Agência J de Reportagem do curso de Jornalismo

FOTO: GIULIA CASSOL

Em outubro de 2017, Paul McCartney veio ao Brasil para uma série de shows. Em meio ao repertório de sucesso, referindo-se a um momento ideológico instável do País, o ex-beatle citou a canção Blackbird, sucesso da banda de Liverpool, inspirada na busca por direitos iguais na sociedade. Dedicou a música para quem continua nessa luta. A obra, composta por ele em 1968, coloca em questão um fator corriqueiro do mundo em meio a tanta disputa ideológica: os direitos humanos. Lançada em 10 de dezembro de 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi elaborada pela Organização das Nações Unidas (ONU) para tentar unificar um mundo dividido, tendo em vista humanizar uma sociedade destruída pelo pós-guerra. Dividida em 30 artigos, tem como intuito criar um cenário condicional de livre-arbítrio para os cidadãos.

Em dezembro de 2018, a declaração completa 70 anos, mas a busca por um ambiente igualitário continua em discussão. As teses relacionadas aos direitos humanos são constantemente questionadas. Para Jair Kris-



Jair Krischke preside o Movimento de Justiça e Direitos Humanos

chke, presidente e fundador do Movimento de Justiça e Direitos Humanos (MJDH), o País está regredindo. “Há um retrocesso em relação ao que foi aprovado na assembleia da ONU. Vivemos um retrocesso no mundo. No Brasil, duplo ou triplo retrocesso”, afirma Krischke, considerado um dos maiores especialistas sobre o tema.

INIMIGOS PODEROSOS

Jair Krischke dedicou a vida por um mundo mais igualitário. Em 2011,

com a alcunha de “O homem que salvou duas mil vidas” – por dar respaldo e proteção aos foragidos dos regimes militares da América do Sul –, foi contemplado pelo Senado com a Comenda de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara. “No Brasil, por um longo período, a questão dos direitos humanos ficou vinculada ao combate à ditadura e às violências do regime. Fiz muitos inimigos poderosos. Alguns têm influência pesadíssima nos meios de comuni-

cação, os tais formadores de opinião, que relegam os direitos humanos para a quinta categoria”, critica.

Na sua opinião, algumas convicções humanistas são o centro da crítica atual pelo momento de insegurança que o Brasil vive. Em um ambiente vulnerável, as pessoas não querem estar na mira do perigo. Com esse receio, desenvolvem um pensamento frágil de proteção de que “quem me ameaça que morra”, com discursos de ódio como “bandido bom é bandido morto”. Krischke reprova a violência policial, especialmente contra pobres e negros.

– Em um país com uma distribuição de renda que é uma vergonha internacional e com uma enorme população indigente, os pobres, muito mais honestos que a classe poderosa, são vistos como inimigos. Aí temos que entrar em campo e dizer: não! A polícia não pode mais matar o número de pessoas que mata hoje. É a polícia que mais mata no

mundo. E, majoritariamente, jovens negros. Temos que denunciar. Denunciamos. Por isso, muitas vezes os direitos humanos são apresentados como inimigos da sociedade, o que é absolutamente um equívoco.

DIREITOS VIOLADOS

O presidente do MJDH observa que toda a rotina da sociedade está ligada às questões humanas. “Os direitos humanos nos acompanham 24 horas por dia, até quando dormimos. Temos direito ao descanso reparador, que reabastece para a próxima jornada. Então, quando dormimos, nossos direitos também são passíveis de violação”, esclarece. O conhecimento pleno da declaração, de acordo com Krischke, desenvolveria uma intelectualidade comunitária que ajudaria a desmitificar o tema, contribuindo para um debate socialmente construtivo. “O grave problema é que, para ter

vigência plena, os direitos humanos precisam ser conhecidos. Além de conhecê-los, a pessoa tem que aceitá-los. Eles só se realizam no coletivo, em sociedade.”

Olhando para o atual momento da sociedade brasileira, Krischke analisa que os valores sociais têm sido substituídos pelo interesse pessoal e político. A população é um espelho do que acontece no País. “O grande violador dos direitos humanos no Brasil é a União, os estados e os municípios. O Estado brasileiro sonega educação, saúde, desampara crianças e velhos. É o grande violador.” Precisaria o Brasil de uma declaração própria? “Não. Basta colocar em prática o artigo 5º da Declaração Universal, que já está pronto. O artigo diz que ninguém será submetido à tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes. Precisamos é que isso tenha vida”, defende Krischke.

FOTO: REPRODUÇÃO



Eleanor Roosevelt com o cartaz da Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1949

FOTO: RAMON FERNANDES



Detalhe da estrutura metálica da cúpula do Museu de Ciências e Tecnologia, de série fotográfica de 2008

A HISTÓRIA EM IMAGENS

POR CAMILA CUNHA

Editar é contar histórias dentro de limites. É preciso cortar para caber. Um processo muitas vezes doloroso.

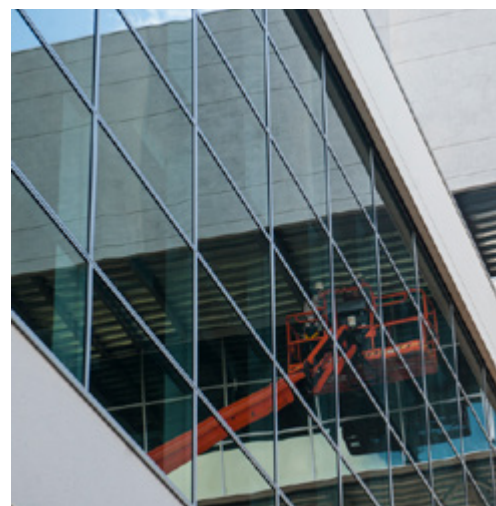
Na PUCRS todo o conjunto dos nossos recortes de tempo e espaço permanecem na íntegra num acervo que preserva a memória da Universidade. Arquivos físicos e digitais unem

os trabalhos de dez principais fotógrafos e outros colaboradores nesses 70 anos. Um oceano narrativo.

Para esse ensaio, mais uma vez num exercício com a dualidade da satisfação e do desapego, selecionamos belas imagens para a retomada de partes da nossa história nesses 70 anos.



FOTO: BRUNO TODESCHINI



Na cerimônia da sua posse como reitor, em 2016, Ir. Evilázio Teixeira emocionado faz gesto de gratidão

FOTO: ANA MARIA TOLEDO



Ir. José Otão acompanha a inauguração do Centro de Informática, em 1977

FOTO: GILSON OLIVEIRA



O geógrafo e fotógrafo Gilson Oliveira é lembrado como admirador da natureza e dos povos originários. Kachú posou para matéria sobre criação do Ambulatório do Envelhecimento Indígena, em 2012

FOTO: ANA MARIA TOLEDO



Fase inicial da construção da Biblioteca Central Irmão José Otão, em 1975

FOTO: BRUNO TODESCHINI



O médico norte-americano Patch Adams espalhou sua alegria pelos corredores do Hospital São Lucas, em 2012

FOTO: CAMILA CUNHA



Em julho de 2015, iniciavam os reparos finais das torres do Global Tecnopuc

FOTO: JOSÉ SCHUSTER



Em 1992, a PUCRS recebeu Dalai Lama para palestra. Na foto, conversa com o reitor Ir. Norberto Rauch

ENSINANDO O SOCCER PARA GURIS E GURIAS

Orlando City e Parque Esportivo formam “tabelinha” para aliar estudos e futebol

POR EDUARDO WOLFF

One, two, three... Go! Com comandos em inglês, os professores do Orlando City Soccer School orientam seus alunos durante os treinos realizados no Parque Esportivo da PUCRS. Essa maneira peculiar de ensinar futebol com um idioma estrangeiro, pregando também a ética entre os jogadores, é fruto da parceria entre o clube norte-americano e a Universidade, iniciada em agosto.

A presença do Orlando City Soccer School no Parque é bem visível. Pegadas do Kingston (mascote do time) estão presentes em vários pontos do complexo esportivo. Com a cor roxa

predominante, os vestiários, a área administrativa e os campos de futebol caracterizam que o time está em solo brasileiro.

Diferentemente das tradicionais escolas de futebol, utiliza o esporte para que jovens entre 3 e 21 anos se tornem verdadeiros cidadãos. “Buscamos alunos que queiram aprender sobre o futebol, independentemente de suas qualificações. Para os menores é se divertir com conteúdo. Para os maiores, uma porta de entrada para estudar em uma universidade”, enfatiza o representante do Orlando City Soccer School, Pedro Viana. “É um

conceito diferenciado, pois atua com inovação no ensino do futebol e no desenvolvimento de crianças e jovens. Além disso, reúne em ambiente educativo a integração e a diversão dos participantes”, reforça o coordenador do Parque, Márcio Müller.

MÉTODO CIENTÍFICO

A metodologia e o cronograma de treinos do Orlando City Soccer School foram desenvolvidos cientificamente nos EUA e são os mesmos utilizados pelo elenco profissional. Professores e treinadores foram selecionados e treinados seguindo a cartilha criada pelas categorias de base de profissionais norte-americanos.

No Parque, famílias admiram a dedicação de filhos e netos. É o caso de Lizete da Rocha, avó do Mateus, 6 anos, que joga na categoria Baby Fut. “Ele fica toda a semana me perguntando se hoje vai jogar. Está encantado com as aulas”, destaca. Raquel Lima, mãe do Ryan, 5 anos, se surpreendeu com a estrutura e a forma de ensinar. “Ele gosta tanto de treinar que pegou uns produtos de limpeza para fazer o circuito em casa”, lembra.

As meninas também têm vez no Orlando City. As gêmeas Laura e Ju-



A professora Karla Loureiro e o aluno Gustavo Saraiva



Os pequenos Mateus e Ryan contam os dias para as aulas no Parque Esportivo

liana Vieira, de 12 anos, que preferem jogar de atacante e zagueira, respectivamente, mostraram muita disposição nos treinamentos. “É bem legal, o que mais gosto é trocar passes”, comenta Laura.

ALÉM DO ESPORTE

Segundo a professora Karla Loureiro, ex-jogadora profissional e pré-convocada para a seleção brasileira Sub-17, o futebol vai além das quatro linhas. “É preciso transparecer no jogo o respeito e entender as regras”, diz. Além disso, destaca que os treinos são muito envolventes e as gurias adoram. “Em breve, elas farão uma partida no Estádio Universitário.”

O desejo por estudar no exterior é almejado por muitos, como Gustavo Saraiva, 18 anos, da categoria Performance. “Quero estudar Administração na Universidade do Colorado, com enfoque em inovação e empreendedorismo. As análises de desempenho realizadas aqui vão me ajudar a alcançar meu objetivo”, aponta.

A coordenadora do curso de Pedagogia, Sônia Bonelli, observa que, mesmo muitos alunos não sendo futuros atletas profissionais, o esporte traz valores e princípios. “É fundamental para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor. Quando trabalham essas questões, se tornam mais criativos e reflexivos, permitindo que desenvolvam outras habilidades”, analisa.



FOTOS: CAMILA CUNHA

Gêmeas Laura e Juliana treinando

Estrutura e intercâmbios

Orlando City Soccer School conta com seis quadras de futebol society em grama sintética, um campo com grama sintética, um campo com dimensões oficiais em grama natural e seis quadras poliesportivas cobertas para as aulas. Por meio do programa *Soccer Camps*, os profissionais que atuam no Brasil nas áreas de educação física, saúde, fisioterapia e comunicação terão oportunidades de conhecer a estrutura do time na Flórida. “Temos também a ideia de levar um time feminino do Brasil para jogar nos Estados Unidos”, projeta Viana.

Vários jogadores notáveis da seleção brasileira tiveram passagens pelo clube. O Orlando Pride (time feminino) é o atual clube da atacante Marta, eleita a melhor do mundo quatro vezes pela FIFA. Já pelo masculino, os ex-jogadores Kaká e Júlio Baptista vestiram a camisa roxa.

CONTATO

(51) 3353-8349 ou pelo e-mail secretaria.rs@ocss.com.br

Open Campus

Atrações musicais, visitas guiadas, workshops nas oito Escolas e palestras inspiradoras com profissionais de destaque no mercado. Assim foi o Open Campus 360° – Experiência que Transforma, realizado em setembro. Com mais de 7.300 inscritos, na maioria estudantes do Ensino Médio de Porto Alegre, Região Metropolitana e interior do RS, a atração permitiu a muitos vivenciar pela primeira vez o ambiente acadêmico e fazer planos para ingressar na Universidade.



FOTO: CAMILA CUNHA



FOTO: SHUTTERSTOCK

PUCRS Internacional

Está no ar o novo Portal PUCRS Internacional (www.pucrs.br/internacional), um espaço para divulgar as inúmeras ações de internacionalização realizadas na Universidade. Com o objetivo de promover boas práticas, o website concentra temáticas transversais relevantes para o fortalecimento da relação acadêmico-institucional. Apresenta informações sobre pesquisas internacionais, lista de convênios com instituições estrangeiras e orientações para solicitar novas parcerias, oportunidades de mobilidade acadêmica e experiências internacionais de alunos e professores em mobilidade.

Contra o câncer

A FK Ventures, do grupo FK Biotec, acaba de firmar um memorando de entendimentos cujo objetivo é o futuro licenciamento de tecnologia da PUCRS protegida por pedido de patente que está em processo de concessão na Europa. Trata-se de um composto contra o câncer com grande potencial. Conhecida no mercado por repelentes contra o *Aedes aegypti* e uma linha de sabonetes e hidratantes usando nanofragrâncias, a empresa é de propriedade do professor da Escola de Ciências da Saúde, Fernando Kreutz. Assinam a patente as inventoras Ana Paula Duarte (professora da PUCRS) e Cristina Bonorino (UFCSA).

Pesquisador Gaúcho

O professor Rodrigo Coelho Barros, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação da Escola Politécnica, é um dos vencedores do Prêmio Pesquisador Gaúcho, concedido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do RS, na categoria Pesquisador Empreendedor. Além de atuar como pesquisador, Barros fundou uma startup de inteligência artificial, a Teia Labs, instalada no Tecnopuc.

Centro Vila Fátima

Ao completar 38 anos, o Centro de Extensão Universitária Vila Fátima concentra esforços para se tornar Centro de Estratégia de Saúde da Família Vila Fátima. Antes parte da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, passou a ser coordenado pelo Hospital São Lucas. Como principais objetivos da mudança, estão a manutenção e ampliação das ações extensionistas e de ensino nas áreas de saúde, educação e direito, além de novas atividades que contemplem as demais Escolas da PUCRS. A reestruturação estabelece processos assistenciais alinhados à Secretaria Estadual de Saúde e ao Ministério da Saúde.

FOTO: BRUNO TODESCHINI



Defesa da vida

Em agosto foi lançado o Centro Marista de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente, com sede na Fundação Irmão José Otão na PUCRS. A iniciativa tem o objetivo de proporcionar subsídios à formação de acadêmicos, profissionais e comunidade em geral. A partir de uma atuação multidisciplinar, a ideia é contribuir para uma sociedade mais engajada e dedicada ao cuidado integral de crianças e adolescentes.

Projeto Rondon

Alunos e professores que integraram a Operação Pantanal do Projeto Rondon receberam na Reitoria seus certificados de participação. O programa é uma iniciativa do Ministério da Defesa, em parceria com Instituições de Ensino Superior, e prioriza ações voluntárias que tragam benefícios permanentes para as comunidades, visando à melhoria do bem-estar social e à capacitação da gestão pública. Os rondonistas estiveram, em julho, na cidade de Corguinho, em Mato Grosso do Sul. Coordenados pelos professores Denis Dockhorn, da Escola de Ciências da Saúde, e Rosane Zimmer, da Escola de Humanidades, realizaram ações culturais, educacionais e administrativas em escolas municipais e estaduais.

Sala da Azul

A Azul Linhas Aéreas Brasileiras e a PUCRS inauguraram uma sala de estudos dentro da Escola Politécnica, iniciativa pioneira no País por parte da companhia. A criação do espaço propõe novas contribuições para o universo acadêmico e profissional por meio da colaboração entre alunos e professores do curso de Ciências Aeronáuticas. A iniciativa visa estimular o desenvolvimento de estudos nas áreas de segurança e fatores humanos (comportamentos preventivos da tripulação), contribuindo com ideias para o aprimoramento desses processos na Azul.

FOTO: CAMILA CUNHA



FOTO: FLÁVIA PEREIRA/FAMECOS



Laboratórios experimentais

Experimentar para inovar. Essa é a ideia que deu início às reformulações do Espaço Experiência, da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos. Criado em 2009 para proporcionar experiências do mercado de trabalho aos alunos, ainda tem este como foco principal. Novas transformações vieram proporcionar mais oportunidades para o estudante criar, testar e colocar conceitos em prática. O Espaço reconfigurou-se e, agora, as equipes estão divididas em quatro laboratórios experimentais independentes, mas parceiros, lançados em agosto: Colab, Conteúdo, Eventos e Pesquisa.

Inteligência Artificial

O Grupo de Inteligência Artificial na Saúde, iniciativa dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Computação e Gerontologia Biomédica, foi lançado em agosto. Dedicar-se a desenvolver trabalhos de inteligência artificial na saúde com foco na formação de pessoas e produção científica e tecnológica. Reúne alunos de graduação em iniciação científica, de mestrado e doutorado, além de professores e pesquisadores da PUCRS e de instituições parceiras. Entre os trabalhos, está o sistema criado pela equipe do doutorando Henrique Dias que, com auxílio de um algoritmo, detecta prescrições fora do padrão e alerta o farmacêutico no momento da dispensação de um medicamento. O Grupo conta com a cooperação do Hospital São Lucas, do Grupo Hospitalar Conceição, do Hospital Ernesto Dornelles e da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

Rankings

A PUCRS foi eleita a melhor instituição de ensino privada do Sul do Brasil de acordo com o novo ranking Times Higher Education (THE) 2019, uma das mais importantes avaliações do mundo. Ocupa também o 2º lugar de melhor instituição privada do Brasil, atrás da PUC-Rio. Entre os destaques da avaliação, está em 2º lugar dentre todas as instituições brasileiras de ensino superior no quesito Industry Income (transferência de conhecimento) e como a melhor privada brasileira no quesito Citations (Citações). A edição 2018 do Ranking Universitário Folha (RUF), do jornal Folha de S. Paulo, apontou a PUCRS como a melhor universidade privada do Brasil, pelo segundo ano consecutivo. Dentro do segmento privado, também é líder nacional no quesito Pesquisa e obteve a segunda colocação nos tópicos Inovação e Internacionalização.



NOSSO LEGADO É TRANSFORMAR O FUTURO.

Há 70 anos, reforçamos nosso compromisso com a inovação e o desenvolvimento da sociedade, inspirando pessoas a promoverem transformações que impactam o futuro.

Nossa história é construída assim: respondendo aos desafios do presente e movidos pelo anseio de criar o novo todos os dias.

“VAI ATRÁS DO TEU SONHO, NÃO IMPORTA O QUE DIGAM.”

De: Patrícia, 2018

Para: Patrícia, 2002

Patrícia entrou na PUCRS para cursar Direito e seguir a carreira dos pais. Depois de formada, voltou para realizar o sonho de cursar História. Hoje é professora e encontra nas salas de aula sua realização profissional.

A Universidade em transformação é feita de pessoas assim, novas a cada dia.

Você também pode fazer parte desse movimento.

PUCRS360°

SEJA A TRANSFORMAÇÃO

Escolha o seu caminho:

- Vestibular
- Enem
- Transferência
- Ingresso diplomado